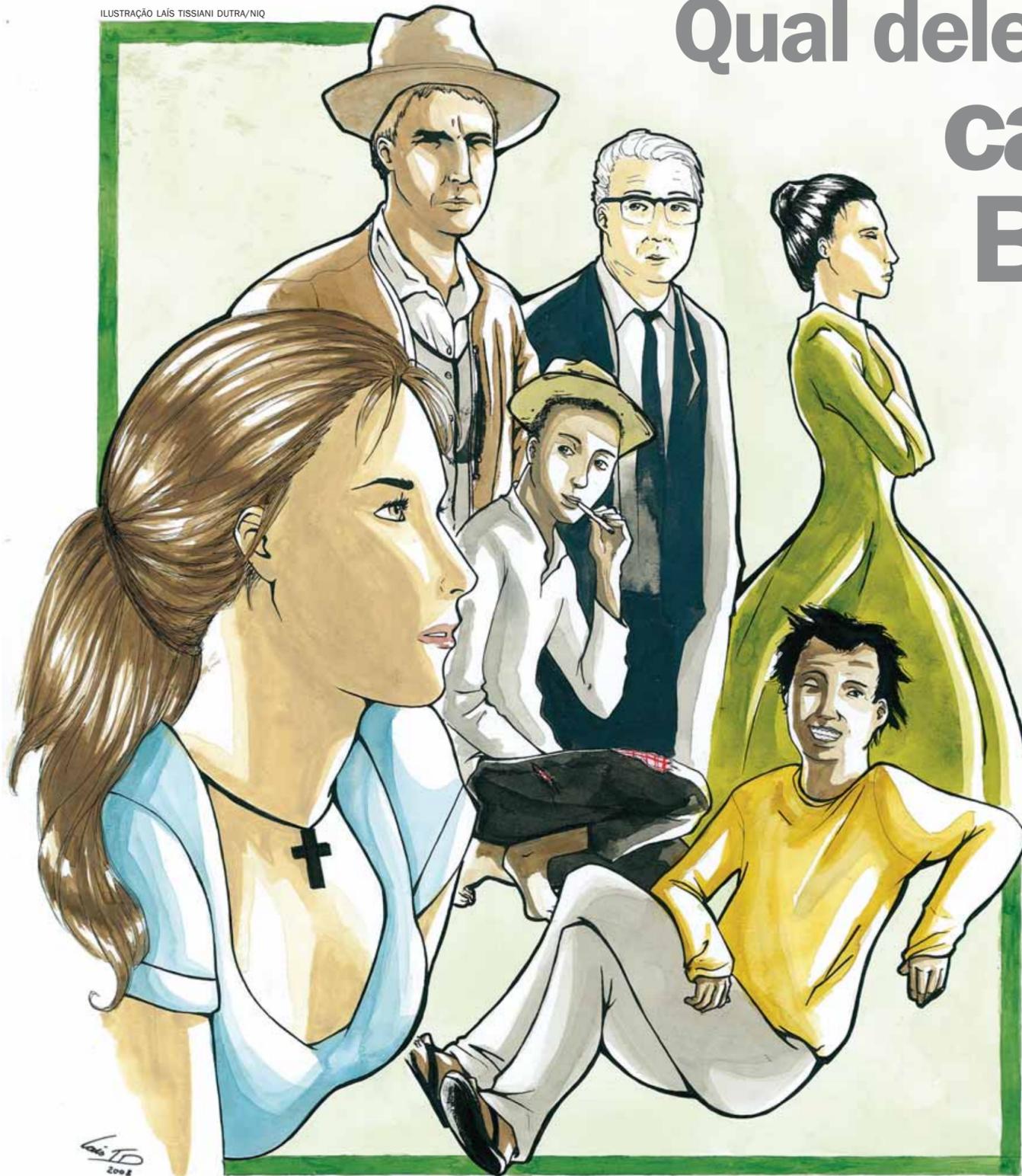


ILUSTRAÇÃO LAÍS TISSIANI DUTRA/NIQ



Qual deles tem a cara do Brasil?

A proposta de redação do Vestibular 2008 da UFRGS desafiou os candidatos a encontrar na literatura nacional o personagem representativo da brasilidade. O ineditismo do tema, aliando produção textual e literatura, surpreendeu positivamente estudantes e avaliadores. “Antes, parecia que estávamos lendo sempre o mesmo texto”, comenta um dos professores. Isaura, Fabiano, Jeca Tatu, Naziazeno, Ana Terra e Macunaíma foram algumas das figuras citadas. Mas houve quem negasse uma possível brasilidade. [Página central](#)

CIÊNCIA

“Pesquisa necessita de financiamento público”

O ex-presidente da Academia Brasileira de Ciências, Eduardo Moacyr Krieger, diz que pesquisadores precisam de liberdade para avançar em seus projetos. Ele também acredita que, além de formar, a Universidade deve continuar atualizando seus egressos. [Página 11](#)

CAUSAS DA CRISE NORTE-AMERICANA

O professor do Programa de Pós-graduação em Economia, Giacomino Balbinotto Neto, explica os fatores que colaboraram para a atual crise financeira no mercado imobiliário dos Estados Unidos, que tem provocado quedas nas bolsas de valores, ameaçando investidores mundo afora. [Página 10](#)

EXPERIÊNCIAS COM ANIMAIS

Pesquisadores debatem os problemas causados pela falta de uma legislação federal que regulamente a utilização de animais em experimentos científicos. Os professores Geraldo Jotz e Jorge Quillfeldt mostram como essas pesquisas contribuem para o avanço da Ciência em todos os campos. [Página 4](#)

ATUALIDADE

Pesquisa traça perfil do turista

Estudo realizado por alunos do curso de Estatística da UFRGS revelou que 96,4% dos visitantes que conhecem a capital gaúcha têm uma impressão satisfatória e fazem planos de retornar à Porto Alegre. A Linha Turismo foi um dos itens com boa avaliação. [Página 5](#)



CRISTINE ROCHOL

EXTENSÃO

Projeto adota bichos do Campus do Vale

Um grupo de 40 voluntários atua junto à Associação de Defesa Animal e Ambiental do Campus do Vale (ADAAC), projeto que investe na educação da comunidade universitária para um comportamento ético em relação aos animais. A iniciativa, que teve início há 10 anos, já foi adotada por outras universidades. [Página 7](#)

Cartas



Ceclimar

Adoramos ler a matéria sobre a oficina do Ceclimar, publicada na edição de verão do Jornal da Universidade, principalmente, por constar fielmente nosso depoimento e a participação da nossa pequena "Duda"! Mais uma vez obrigada e parabéns pelo belíssimo trabalho!

Fernanda Ferrari e Dudinha
Entrevistadas na edição 105

Correção

Na edição passada, na matéria "Vigilância constante", ocorreu uma falha de revisão. No parágrafo: "um exemplo: a hanseníase é pouco comum em nosso meio ... Eles pensam em neurite diabética ou neurite alcoólica e não pensam em hanseníase que é um vírus." Informo que o *Mycobacterium leprae* é uma bactéria. O nível de excelência gráfica e jornalística que está sendo atingido pelo Jornal da Universidade, que tenho acompanhado com grande interesse, merece este reparo.

Sérgio Student
Médico pneumologista, formado pela UFRGS em 1966

Errata

Na reportagem "Trabalhando na praia" do JU 105 houve um equívoco de dado. Na página 8 da edição de janeiro/fevereiro, sobre as atividades oferecidas pelo Ceclimar, foi informado que o leão-marinho Gordo havia emagrecido 100kg no verão passado. Na verdade, esse montante é desproporcional: a perda de peso foi de cerca de 30kg. O animal hoje pesa 150kg e mede 2,5m.

Memória da UFRGS

ACERVO MUSEU DA UFRGS



► **1982** No segundo ano de atividades do Unimúsica, o público lotava o pátio e calçada da reitoria nos dias de show. O projeto, criado há 27 anos, retoma suas atividades no próximo mês, e o lançamento de um edital para seleção de grupos musicais da Universidade é destaque na reportagem da página 13 desta edição

Espaço da Reitoria

UFRGS: constante renovação

Iniciamos em março o ano escolar de 2008 com o envolvimento de mais de 30 mil estudantes em atividade, desde o nível fundamental até o doutorado.

A formação dispensada pela Universidade no ensino superior cobre todas as áreas do conhecimento e, neste ano, oferece três novas opções de cursos na graduação - Engenharia de Controle e Automação, Fonoaudiologia e Museologia.

As diretrizes acadêmicas de nossa universidade oportunizam ao estudante de graduação condições não só para a ampliação de seus conhecimentos, mas para a formação de um profissional crítico, atuante e comprometido com sua

comunidade.

A participação do estudante no ensino, na pesquisa e na extensão concretiza-se através da disponibilização de 2.700 bolsas, que permitem atividades de monitoria, extensão, iniciação científica, grupos PET e trabalho.

Adiciona-se a isso inúmeras outras ações da Universidade na oferta de melhores condições para a comunidade, dentre as quais destacamos o início das obras do RU do Campus Olímpico e a ampliação do RU do Campus do Vale.

Os resultados podem ser sentidos pelo reconhecimento nacional e internacional através de al-

tos níveis de avaliação. Como exemplo, em outubro do ano passado, a avaliação da Pós-graduação coordenada pela Capes colocou a UFRGS no topo das Instituições Federais de Ensino.

Esses esforços consolidam um sistema de ensino que integra graduação, pós-graduação, pesquisa e extensão, permitindo ao aluno uma formação diferenciada e extremamente qualificada.

Aos novos estudantes sejam bem-vindos e nosso desejo de que se integrem ao máximo às oportunidades que a Universidade oferece.

José Carlos Ferraz Hennemann
Reitor

Artigo

À espera de um plano para redução de acidentes

Mais um verão terminando. As férias e o calor da estação geram deslocamentos por vários modos de transportes, particularmente o rodoviário. Se os transportes proporcionam grandes benefícios, também trazem sérios problemas como poluição, congestionamentos e acidentes. Nos países industrializados, os acidentes de trânsito representam uma tragédia interminável, constituindo a maior causa de morte da população jovem.

Dados do Ministério das Cidades indicam que os acidentes provocam, anualmente, a morte de cerca de 35 mil pessoas e 440 mil feridos. Os custos dessas ocorrências causam perdas financeiras da ordem de mais de R\$ 10 bilhões, considerando áreas urbanas e rurais. A esses valores devem-se acrescentar as perdas intangíveis e os danos morais.

Um amplo espectro de causas tenta explicar os acidentes: motoristas despreparados, excesso de velocidade, ingestão de álcool e drogas, direção perigosa, desobediência à lei, cansaço, deficiência de fiscalização, estradas inadequadas, problemas com veículos, aumento da frota, influência do meio ambiente etc. Mas, em todos os cantos do mundo, as estatísticas indicam que a imprudência dos condutores e pedestres é responsável por até 90% dos casos. A maioria dos acidentes resulta de prévia infração ao Código Nacional de Trânsito. Acidentes são quase sempre previsíveis e, portanto, evitáveis. Muitas tentativas isoladas para amenizar o

problema têm sido desencadeadas pelo governo e outras organizações. Em 1998, o Departamento Nacional de Infra-estrutura de Transportes (DNIT), publicou o *Guia de redução de acidentes com base em medidas de baixo custo*. Em 2004, o Departamento Nacional de Trânsito (Denatran) elaborou a *Política Nacional de Trânsito* que gerou as *Metas Gerais para o Programa Nacional de Trânsito*, contendo dezenas de quesitos, que deveriam ser implementados ao longo de alguns anos. No mês passado, o governo, através do Ministério da Justiça, publicou Medida Provisória proibindo a comercialização de bebidas alcoólicas junto a rodovias federais. Além das medidas oficiais, existem campanhas educativas promovidas por órgãos da mídia, montadoras de veículos, ONG's e seus patrocinadores com a intenção de sensibilizar a população para a necessidade da redução do número de acidentes e preservação da vida. Qual é o resultado efetivo dessas ações?

Trânsito é ação coletiva, logo toda comunidade deve estar envolvida no encaminhamento



Será que vai ter fim?

resolver o problema. A liderança deve partir do governo federal, com o núcleo do processo formado pela Presidência da República, ministérios da Justiça, das Cidades e dos Transportes e Denatran. Ter poder para mudar é fundamental. A este núcleo deve-se agregar a sociedade

to das soluções. Na Espanha, foi elaborado um plano para reduzir pela metade as mortes em oito anos; na França, programaram-se medidas para reduzir em 20% o número de óbitos entre 2002 e 2003. Nas duas situações o processo foi liderado pelo governo federal e teve a participação ativa da comunidade. A atual tendência é de que essas experiências se estendam por toda Europa.

Culpar eternamente a imprudência do usuário não resolve nada. É preciso impor medidas fortes, de efeito educativo e punitivo, aplicadas a médio e longo prazo e procurando agir em todo o espectro das causas.

A primeira e fundamental ação é

em todas as suas formas de organização. A meta poderia ser reduzir em 50% o número de mortes em cinco anos, uma espécie de "fome zero" da segurança do trânsito. Só uma mobilização geral teria a força de produzir ações efetivas. Deixamos aqui algumas idéias para a construção do necessário Plano Nacional de Redução de Acidentes:

1. Estudar a adaptação da velocidade de operação às características geométricas e segurança das vias. Pardais e lombadas não podem ser "faturadores". Proibir qualquer apologia ao "poder da velocidade". Melhorar traçados potencialmente inseguros;
2. Mudar a legislação e tornar obrigatório o uso de bafômetros em acidentes com óbitos, buscando reduzir ou eliminar a taxa de alcoolemia, além de realizar obrigatoriamente exames para verificação do consumo de drogas;
3. Implantar a inspeção veicular, impor rigor na fiscalização e reforçar dispositivos de policiamento no verão e em feriados prolongados e,
4. Desenvolver campanhas educativas, particularmente no ensino fundamental e médio.

A discussão é grande e envolve um problema complexo. Todos são potenciais vítimas da tragédia do trânsito. Por isso, precisamos de um Plano de Redução de Acidentes exequível, consistente e duradouro.

Prof. Dr. João Fortini Albano
Laboratório de Sistemas de Transportes/UFRGS



Cultura

Comunidade da UFRGS volta a ter livrarias

A partir deste mês, estudantes, professores e funcionários contam novamente com duas livrarias funcionando nos campi Centro e do Vale.

A administração dos espaços foi alvo de licitação pública, vencida pela Editora e Livraria Zouk. A empresa, que se transferiu de São Paulo para Porto Alegre em agosto de 2005, tem oito anos de atuação como editora e uma década como galeria de arte.

A diretora da Zouk, Natalie Illanes Nogueira, comemora o início das atividades na Universidade: "Passado um ano e meio da abertura da primeira loja, achamos importante participar da licitação dos espaços das Livrarias da UFRGS, pois sempre trabalhamos principalmente para o público acadêmico. Em nossa sede (situada na rua Garibaldi, 1.329) promovemos lançamentos de livro, exposições de arte, cursos, grupos de estudo e palestras. Além disso, realizamos o projeto Dissertações, que procura estabelecer um diálogo descontraído entre as pesquisas de mestrado e doutorado, por vezes restritas às prateleiras das bibliotecas, e o grande público interessado em conhecer a produção acadêmica atual."

Nos primeiros seis meses, só serão comercializadas publicações da Editora da UFRGS, mas Natalie informa que pedidos de obras das demais editoras serão atendidos através da matriz. Em março, as Livrarias oferecerão 10% de desconto sobre o preço de capa de todos os livros. "Em breve, daremos início a um Programa de Fidelidade, que permitirá, além de descontos, outras facilidades para os cursos, eventos e entregas a domicílio", acrescenta a diretora.

As Livrarias funcionam de segunda a sexta-feira, das 9h30min às 18h30min. Mais informações pelos telefones 3308-4203 (Centro) e 3308-7339 (Vale).



Escultura de Tina Felice, no Campus Centro. Acima, Jardim Labirinto e Mural da ESEF, no Campus Olímpico



FOTOS: RENÉ CARVALHO

Arte Mapa divulga obras nos campi

O Museu da UFRGS lança, no dia 27 deste mês, o mapa *Arte Pública nos Campi*, que traz a localização e identificação das esculturas e painéis instalados nos limites da Universidade. O material apresenta a obra de oito artistas, entre professores e ex-alunos do Instituto de Artes, servindo como um guia para as pessoas que transitam pelos quatro campi.

Segundo a produtora cultural do Museu, Maria Cristina Padilha Leitzke, a proposta partiu da constatação do estado de degradação da arte pública da cidade, vítima de constantes ataques de pichadores, vândalos e ladrões. "Como temos várias obras no ambiente acadêmico, queremos estimular sua apreciação estética por parte da comunidade universitária e do público em geral, trabalhando ao mesmo tempo pela sua preservação."

Idealizado pelas equipes do Museu e do Departamento de Difusão Cultural (DDC) da Pró-reitoria de Extensão, o projeto gráfico do mapa foi criado pelo designer Sandro Ka. Graduado em Desenho pelo Instituto de Artes, Sandro colabora com o DDC desde 2006, elaborando a programação visual do Unimúsica. "O resultado do trabalho foi tão satisfatório que fui convidado a desenvolver outras peças gráficas da programação visual do Departamento. Neste ano, a parceria continua, mas agora através do Núcleo de Criação da Gráfica da UFRGS, setor ao qual estou vinculado. Trabalhar com a equipe do DDC é muito estimulante e um ótimo aprendizado", diz o artista.

O lançamento ocorrerá na Sala Redenção, às 19h, e o impresso pode ser retirado gratuitamente na secretaria do Museu (Av. Osvaldo Aranha, 277 - Campus Centro). Para os interessados em saber mais sobre as obras, serão realizadas visitas mediadas às quartas-feiras, a partir das 14h, mediante agendamento prévio através do telefone 3308-3933 ou pelo site www.museu.ufrgs.br.

Jornalismo Inscrições para Prêmio José Reis

Estão abertas até 16 de maio as inscrições para o Prêmio José Reis de Divulgação Científica de 2008, concedido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/MCT) desde 1978. O Prêmio é destinado a pessoas que tenham contribuído para a divulgação de ciência, tecnologia, pesquisa e inovações. Neste ano, a premiação será atribuída à categoria Jornalismo Científico. O vencedor receberá um prêmio de R\$ 10 mil, que será entregue durante a reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em julho, na cidade de Campinas (SP). O regulamento pode ser consultado através do endereço www.cnpq.br/premios/2008/josereis. O Prêmio José Reis foi criado em homenagem ao médico, pesquisador, jornalista e educador José Reis, falecido em 2002, aos 94 anos de idade.

Letras Especialização em Estudos Linguísticos do Texto

Até 15 de abril, o Instituto de Letras recebe inscrições para o curso de especialização em Estudos Linguísticos do Texto. Em sua quinta edição, o curso é dirigido a professores de língua portuguesa, redação, tradutores e revisores de texto e jornalistas. As aulas serão realizadas aos sábados. Mais informações pelo telefone 3308-6760.

Capacitação IFCH promove curso para gerentes sociais

Desde o dia 3 deste mês, o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas está realizando o "Curso de capacitação de gerentes sociais que atuam na proteção social não contributiva". Organizado e patrocinado pelo Ministério de Desenvolvimento Social, o curso será ministrado em todo o país por instituições selecionadas através de licitação pública. O IFCH vai qualificar 184 gerentes sociais lotados em 74 secretarias municipais e nas secretarias estaduais dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Ensino de artes Fórum discutiu desafios para o século XXI

A UFRGS sediou, em dezembro, o Fórum Internacional de Debates sobre o Ensino de Artes: a educação em artes e a construção de um novo paradigma para o século XXI. O encontro foi realizado na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes com a participação dos presidentes da Associação Internacional Drama Teatro e Educação (Ideia), Dan Baron Cohen; da Sociedade Internacional de Educação Musical (ISME), Liane Hentschke; e da Sociedade Internacional de Ensino através das Artes (InSEA), Ann Kuo. Foi a primeira vez que a reunião ocorreu no Brasil desde a criação da Aliança Mundial para o Ensino de Artes (WAAE), da qual fazem parte as três organizações. Liane Hentschke, que é professora do Departamento de Música da UFRGS, avalia que a partir do encontro o país ingressa na discussão a respeito da importância do ensino das artes na sociedade contemporânea. Liane recordou que, numa visita que fez à China, há dois anos, constatou a preocupação dos professores chineses com a invasão da cultura ocidental. "As minorias étnicas daquele país, cujas tradições estão ameaçadas pela ocidentalização, vêem no ensino de música uma chance de sobrevivência", disse a professora, ressaltando a urgência das práticas de ensino de artes se engajarem na visão atual de educação como espaço de desenvolvimento da criatividade.



Eloy Fritsch (centro) e alunos colaboradores do Centro de Música Eletrônica

CADINHO ANDRADE

Rádio virtual Música eletrônica ganha site

Está no ar a *CME - Online*, uma rádio virtual criada e administrada pelo Centro de Música Eletrônica do Instituto de Artes da UFRGS para divulgação das composições dos alunos dos cursos de música da Universidade.

Segundo o idealizador e coordenador do projeto, professor Eloy Fernando Fritsch, a ideia é tornar a produção de música eletrônica acessível aos internautas. Para ele, a tecnologia abriu novos horizontes para os compositores com o desenvolvimento de programas de computador que tornaram possível o florescimento dessa nova linguagem musical.

A implantação da *CME - Online* foi viabilizada através de financiamento do projeto de ensino a distância Música e Tecnologia II, desenvolvido em 2007. Eloy explica que as composições divulgadas pela

rádio virtual são de alunos de extensão, graduação e pós-graduação. "A classificação do material que estamos disponibilizando no site não se deu pela sofisticação, mas pelo tipo de música dentro do projeto de ensino", diz o professor, acrescentando que o Centro adota uma larga definição para música eletroacústica, suportando qualquer trabalho de áudio exploratório feito com uso da tecnologia.

O pesquisador destaca que esse tipo de música só pode ser ouvido através de gravações: "Ao contrário da música instrumental que tem uma partitura, a música eletrônica é gerada e tocada ao mesmo tempo. É uma música que só pode ser executada em seu próprio meio, daí a importância da rádio virtual". A *CME - Online* pode ser acessada no endereço www.ufrgs.br/musicaeletronica/.



A Ciência e a experimentação com animais

A AUSÊNCIA DE UMA legislação federal que regule a utilização de animais em experimentos científicos no Brasil tem deixado espaço para o surgimento de leis estaduais e municipais sobre o assunto. Longe de facilitar o trabalho de pesquisadores e instituições, tais medidas jogam um manto de desinformação e desconfiança sobre o trabalho dos cientistas. Nesta edição, convidamos dois pesquisadores da Universidade para debater o problema. Ambos procuram mostrar o quanto esses experimentos contribuem para o avanço da Ciência em todos os níveis.



Resistindo ao obscurantismo antivivisseccionista

Prof. Jorge A. Quillfeldt *

A recente proibição do uso de animais em pesquisa nos municípios de Florianópolis (Lei 7.486 de 07/12/2007) e Rio de Janeiro (Lei. 4.731 de 04/01/2008), colocou a comunidade científica brasileira em estado de alerta. Tais interdições, se prosperassem, causariam graves prejuízos ao desenvolvimento científico e tecnológico nacional, afetando, por exemplo, instituições do porte de uma UFRJ ou uma UFSC, ambas reconhecidas protagonistas no cenário científico nacional.

O tema é recorrente e deriva da carência de uma legislação específica sobre o assunto: há 13 anos tenta-se aprovar o Projeto de Lei Federal 1.153/1995, que disciplina pontos fundamentais como a criação de Comissões de Ética nas instituições que usam animais, incentivo à aplicação dos três eixos bioéticos da *redução – refinamento – substituição*, e previsão de penalidades aos infratores. Enquanto isto, crescem no país os movimentos antivivisseccionistas – também chamados de “anti-especistas” –, que se aproveitam de um vazio legal para promover a implantação de legislação restritiva local que não seria possível se existisse uma Lei Federal disciplinadora.

Estudos empregando animais de experimentação são fundamentais para o desenvolvimen-

to de soros, vacinas e novos medicamentos para tratamento de doenças, não só de seres humanos, mas também de animais. A saúde e mesmo a vida, inclusive das gerações vindouras, depende de nosso esforço investigativo hoje. As chamadas alternativas ao uso de animais vivos em experimentação – cultura de células, modelos e programas de computador – não passam de complementos ao estudo em seres vivos reais, uma vez que apenas organismos vivos intactos e saudáveis respondem como sistemas multifuncionais integrados: examinando apenas as partes, não é possível compreender-se o todo. Os estudos em seres humanos são realizados apenas em fases posteriores do ensaio de medicamentos e procedimentos clínicos, e sempre sob o instituto do Consentimento Informado, uma das conquistas advindas do julgamento de Nuremberg, que examinou os traumáticos acontecimentos dos campos de concentração nazistas.

Os alegados maus tratos a animais de experi-

Os alegados maus tratos a animais não correspondem nem de longe à realidade

mentação, mencionados por militantes antivivisseccionistas como justificativa para a nova legislação, não correspondem nem de longe à realidade, até porque a comunidade científica, não só no Brasil mas no mundo todo, tem seu proceder rigidamente controlado em diferentes instâncias, que vão desde os Comitês de Ética em Experimentação, já estabelecidos em muitas das Universidades e Centros de Pesquisa, até a legislação nacional e internacional (mais ampla) existente, chegando ao filtro último que representam os comitês editoriais das revistas científicas indexadas, que apenas publicam o que está de acordo com o normatizado em termos éticos.

Felizmente, a comunidade científica nacional começou a movimentar-se, obtendo alguns primeiros sucessos. No Rio, conseguiu-se o veto do prefeito ao projeto carioca, mas esse foi derubado pelos vereadores: estuda-se agora aprovar legislação estadual para restringir a iniciativa municipal. Em Florianópolis, depois de

muita discussão, aprovou-se uma regulamentação detalhada da Lei criada em dezembro, que reverte a proibição, inclusive com apoio de alguns dos mesmos vereadores que a propuseram originalmente.

Mas não basta o esforço jurídico-legislativo: é preciso que a comunidade científica desperte para a importância de ela própria assumir seu papel informador e também formador da opinião pública, principalmente por ser uma obrigação de qualquer instituição produtora de conhecimento sustentada por recursos públicos. Deve-se promover um diálogo inteligente e respeitoso com os cidadãos, centrado na lógica dos argumentos em prol do uso de animais de experimentação. As justificativas existem e delas depende, por fim, o bem-estar de todos, mesmo de quem não sabe. E a responsabilidade em difundir-las é principalmente nossa.

Parafrazeando um certo apresentador de TV já falecido, cientista que “não se comunica, se trumbica”...

* Programa de Pós-graduação em Neurociências, do Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Membro da Sociedade Brasileira de Neurociências e Comportamento

À espera de uma legislação federal

Prof. Geraldo Pereira Jotz *

A Declaração de Helsinki I, adotada na 18ª Assembléia Médica Mundial realizada na Finlândia, em 1964, no item primeiro dos Princípios Básicos enuncia: “A pesquisa clínica deve adaptar-se aos princípios morais e científicos que justificam a pesquisa clínica e deve ser baseada em experiências de laboratório e com animais”. Já a Declaração de Genebra, da Associação Médica Mundial, estabelecia o compromisso do médico com as seguintes palavras: “A saúde do meu paciente será minha primeira consideração”.

O exercício da pesquisa deve ser conduzido somente por pessoas cientificamente qualificadas e sob constante supervisão. Ninguém erra porque quer errar. Não sabe que está errando. Erra por desconhecimento e por despreparo técnico. Eis porque cursos sobre bioterismo, manejo e uso de animais de laboratório são muito importantes e precisam ser repetidos com frequência.

Há mais de 10 anos, tramita no Congresso Nacional um Projeto de Lei - PL 1153/1995 de autoria do deputado Sergio Arouca, que procura regular o uso de animais em ensino e pesquisa. O projeto teve um apenso do PL 3.964/1997, de autoria do Poder Executivo, que foi elaborado por integrantes da Federação das Sociedades de Biologia Experimental (FeSBE), da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), da Academia Brasileira de Ciências (ABC), do Colégio Brasileiro de Experimentação Animal (Cobea), da

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Na ocasião, contou com o apoio de duas sociedades protetoras de animais: a Sociedade Mundial para Proteção dos Animais (WSPA) e a Sociedade Zoológica Educativa (Sozed).

Dentre os diversos pontos importantes previstos no projeto de 1997 destacam-se: a criação do Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (Concea), como órgão normatizador, credenciador, supervisor e controlador das atividades de ensino e de pesquisa com animais, inclusive monitorando e avaliando a introdução de técnicas alternativas que substituam a utilização de animais em ensino e pesquisa; a implantação das Comissões de Ética no Uso de Animais (Ceuas), que serão obrigatórias em todas as instituições que pratiquem a experimentação animal e; a definição das penalidades aplicadas às instituições ou aos profissionais pelo emprego indevido das normas ou mesmo dos próprios animais.

Outro apenso à proposta original foi o Projeto de Lei 1.691/2003, de autoria da deputada Jara Bernardi, cuja ementa é: “Dispõe sobre o uso de animais para fins científicos e didáticos e estabe-

O emprego de animais ajuda a minimizar o número de experimentos em seres humanos

lece a escusa de consciência à experimentação animal”.

Desde 2003, o Cobea vem mantendo reuniões com o deputado Sergio Miranda, relator do Projeto de Lei 1.153/1995 e seus apensos, que aceitou as observações feitas pelo Cobea e pela ABC, encaminhando parecer favorável ao PL 3964/1997 e recusando o PL 1691/2003.

Recentemente, por ainda não termos uma legislação federal, tivemos projetos estaduais e municipais que buscaram regularizar o uso de animais em pesquisa, porém com enormes prejuízos à Ciência e Tecnologia: em São Paulo, a lei 11.977/2005, do deputado Roberto Trípoli, teve uma ação direta de inconstitucionalidade do governador paulista, encaminhada ao Supremo Tribunal Federal; enquanto no Rio de Janeiro, o Projeto de Lei 325/2005, do vereador Cláudio Cavalcanti, foi vetado pelo prefeito carioca e hoje se encontra na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro aguardando nova votação.

Preocupada com o desenvolvimento científico da região Sul no que diz respeito à utilização de modelos animais, a UFRGS idealizou a construção de um novo Biotério, seguindo critérios internacionais aceitos para sua concepção.

Na apresentação da proposta de criação do referido Biotério à Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), enfatizamos o papel relevante que a utilização de modelos animais tem ocupado na realização dos grandes avanços na medicina nos últimos 100 anos. Também cabe ressaltar os avanços na medicina veterinária por meio de utilização de modelos animais, com a criação de novas vacinas, controle de parasitas e muitos outros.

O Biotério da UFRGS atende às necessidades internas da Universidade e parte das necessidades externas, fornecendo animais para várias instituições de ensino superior gaúchas. Nas novas instalações do órgão, a ser inaugurado proximamente, teremos capacidade de produção quatro vezes maior do que a atual, ou seja, na ordem de cinco mil animais por mês.

O emprego de animais de experimentação nesse tipo de pesquisa ajuda a minimizar o número necessário de experimentos em seres humanos, durante as complicadas etapas do desenvolvimento de novos medicamentos ou tratamentos de doenças.

Por fim, desde 2006, o Biotério exige dos pesquisadores projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade, para que se possa ceder os animais de experimentação.

* Diretor do Centro de Reprodução e Experimentação de Animais de Laboratório (Creal)



Porto Alegre é ótima!

Turismo Pesquisa desenvolvida por alunos da UFRGS mostra alto índice de satisfação dos visitantes

Caroline da Silva

A metrópole cosmopolita com alma de província completa 236 anos de sua fundação no próximo dia 26. E a capital dos gaúchos continua sendo um ótimo lugar para visitar. Ao menos é o que indica a pesquisa *Perfil do Turista Nacional na Cidade de Porto Alegre*, estudo que teve entre suas propostas descobrir qual a imagem que ela deixava no visitante brasileiro não-residente na região metropolitana gaúcha que tivesse pernoitado no mínimo uma noite no município. Para 87,7% dos entrevistados, Porto Alegre deixa uma impressão satisfatória ou muito satisfatória. A grande maioria da amostra, cerca de 96,4%, pretende retornar à capital riograndense, e 63% já esteve aqui mais de 10 vezes.

Tais dados foram identificados através de uma parceria que envolveu o Instituto de Matemática da UFRGS, a Secretaria Municipal de Turismo (SMTur) e a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH/RS).

Oferecida no final do curso de Bacharelado em Estatística, a disciplina de 8º semestre *Pesquisa e Análise de Mercado A* proporciona aos alunos a oportunidade de fazer um fechamento dos conteúdos aprendidos ao longo da graduação, colocando em prática os conhecimentos adquiridos. As informações são da professora-titular da disciplina, Liane Werner, explicando que essa prática procura beneficiar algum segmento da sociedade. “No segundo semestre de cada ano, os alunos realizam esta pesquisa. Já foram produzidos trabalhos junto à Companhia Carris Porto-alegrense, ao Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil e aos projetos Unicena e Unicâmara da UFRGS, entre outros. Desta vez, optamos pelo tema do turismo porque uma de nossas alunas era estagiária da referida secretaria e sabia da sua demanda.”

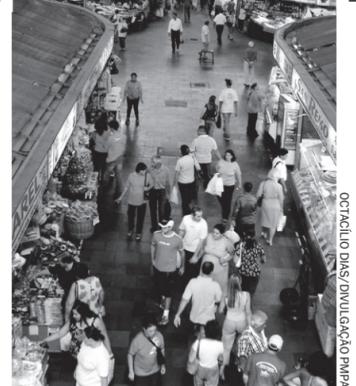
Teoria na prática – A proposta de traçar o perfil do visitante de Porto Alegre partiu de Ana Beatriz Kolowski, então estagiária da Secretaria Municipal de Turismo. “Tínhamos uma deficiência de dados quanto a isso”, informa a estudante que se formou no Bacharelado em Estatística em 25 de janeiro. Os 11 alunos da



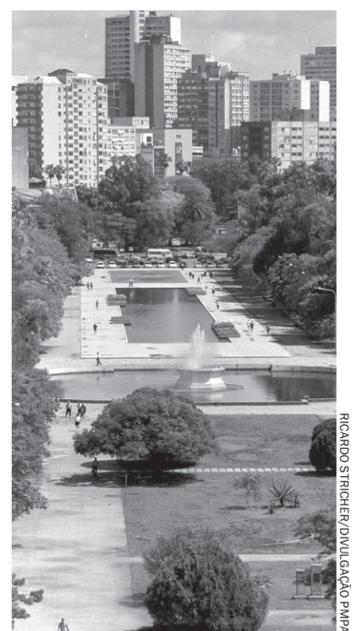
Atrações como a Linha Turismo da Carris (ao lado), o Mercado Público (centro) e o Parque da Redenção (mais abaixo) foram bem avaliados na pesquisa



CRISTINE ROCHOU/DIVULGAÇÃO PMPA



OTACILIO DINIZ/DIVULGAÇÃO PMPA



RICARDO STRICHER/DIVULGAÇÃO PMPA

professora Liane Werner participaram de todas as etapas do estudo. A partir da aprovação da sugestão de Ana, a professora reuniu-se com integrantes da Secretaria para definir os objetivos que seriam mais úteis para o uso das informações apuradas.

Além da meta principal de traçar o perfil do turista doméstico da capital, a pesquisa especificou outras: identificar o motivo e os hábitos de viagem; medir o grau de satisfação com relação à infra-estrutura, serviços, hotelaria, gastronomia, transporte e atrativos turísticos; quantificar o gasto médio diário em alimentação, lazer, hospedagem, comércio e transporte; investigar a intenção de voltar a Porto Alegre e identificar a imagem que a cidade deixou para o turista. O grupo de estudantes tinha algumas hipóteses: o principal visitante seria o homem de negócios, o maior problema da cidade seria a segurança e que o turista permaneceria de um a três dias na capital. Além de verificar essas suposições, Liane Werner disse que o propósito era também examinar “se a imagem da cidade é boa e se somos considerados hospitaleiros”.

A metodologia empregada foi a pesquisa quantitativa descritiva com questões fechadas, sendo realizadas 1.392 entrevistas. “A aplicação dos questionários aconteceu no salão de embarque do Aeroporto Salgado Filho e nos setores intermunicipais e interestaduais da rodoviária da capital”, esclarece Ana Beatriz. Desse montante de entrevistas, 29% dos en-

trevistados corresponderam ao perfil desejado, os demais eram turistas estrangeiros, residentes de Porto Alegre ou moradores do estado de passagem de uma cidade para outra.

Resultados – Quanto às conclusões do estudo, foram identificados três perfis principais: o primeiro é composto por homens de negócios, com idade aproximada de 40 anos, casados e com alta renda; o segundo é formado em sua maioria por mulheres, com idade média de 30 anos e baixa renda, que se hospedam em casa de amigos ou parentes e que têm como motivo de viagem saúde ou estudo; já o terceiro grupo compreende pessoas aposentadas na faixa dos 50 anos de idade. “A pesquisa só não confirmou a última hipótese, pois descobrimos que o tempo de permanência dos turistas gira em torno dos quatro dias e meio”, informa Liane Werner.

A professora destaca que a UFRGS é uma instituição de ensino pública, pautada em dar retorno à sociedade, “logo, pesquisas deste cunho sempre serão fundamentais para a comunidade e de extrema importância para os alunos que adquirem o conhecimento com essa prática”. A ex-estagiária Ana Beatriz Kolowski, agora Bacharel em Estatística, poderá dar continuidade ao conhecimento adquirido na própria SMTur, pois continua trabalhando no setor de planejamento da secretaria, contratada como Cargo de Confiança.

A cidade na visão do turista



- O povo porto-alegrense é hospitaleiro
- Hospedagem e gastronomia são pontos fortes da capital gaúcha
- Teatros, museus, prédios históricos e culturais, parques e a Linha Turismo tiveram alta aprovação nos questionários
- Sentimento positivo é o que os visitantes levam da cidade



- Sinalização turística, segurança e limpeza urbana são os problemas apontados em Porto Alegre

Luiz Fernando Moraes Dados irão estimular o turismo

Nesta entrevista, o secretário municipal de Turismo Luiz Fernando Moraes comenta os resultados da pesquisa *Perfil do Turista Nacional na Cidade de Porto Alegre*, destacando que, além de comemorar o potencial turístico da capital, os dados levantados mostraram que é preciso investir em mais ações na área.

Jornal da Universidade – Este tipo de pesquisa é inédito em Porto Alegre?

LFM – Pesquisas diversas têm sido realizadas ao longo dos tempos. A diferença desta é que ela integra um esforço estratégico inicial da SMTur

para a captação e organização das informações do turismo na nossa capital.

JU – A iniciativa foi motivada pela grande carência de dados estatísticos quanto ao tema do turismo. Por que não se tinha trabalhado nesse sentido antes, não havia estrutura ou profissionais qualificados para tal?

LFM – A deficiência de dados no turismo não é um problema apenas de Porto Alegre, mas nacional. Entretanto, talvez porque a cidade apenas de pouco em pouco vem reconhecendo o turismo como uma alternativa econô-

mica efetiva, não tenha se detido nisso. Nossa meta é estruturar um setor exclusivamente voltado à busca, sistematização e tratamento de informações. Esse movimento também começa a ser feito por entidades da área, como o setor hoteleiro, o que revela a necessidade geral dessa iniciativa.

JU – As conclusões da pesquisa foram positivas para a cidade?

LFM – O resultado é bastante estimulante, mas não pode servir para que fiquemos de braços cruzados. Ao contrário, deve funcionar como

estímulo, porque, apesar das nossas deficiências, há um reconhecimento das qualidades da cidade. Que isso sirva igualmente para nós, porto-alegrenses, compreendermos que a capital tem um alto potencial turístico e que isso pode significar emprego e renda em larga escala. O setor de turismo repercutiu em 52 atividades econômicas dentro de uma cidade, a maioria delas compostas por pequenas empresas, que são as maiores empregadoras.

JU – É importante a participação da Universidade na soma de conhecimen-

to a favor de aspectos práticos de nossa sociedade? A Secretaria pretende manter a parceria em novos trabalhos?

LFM – No nosso caso, acredito que a Secretaria e a Universidade se beneficiaram da parceria. A Secretaria, com o suporte técnico e científico da Universidade, que, por sua vez, tem a oportunidade de levar os seus conhecimentos teóricos à prática, em especial no que se refere ao envolvimento de estudantes e futuros profissionais. Nossa intenção, inclusive pelo sucesso dessa experiência, é não só manter, como ampliar a parceria.



Lembrando Caio Fernando Abreu



O filme de François Truffaut, lançado em 1962, teve como tradução brasileira "Uma mulher para dois"

Premiação Instituto de Letras divulga conto vencedor no concurso que homenageou o escritor

Caroline da Silva

O Instituto de Letras da UFRGS promoveu o Concurso de Contos Caio Fernando Abreu 2007, destinada à comunidade universitária.

Com uma produção marcada pelo tom confessional, o escritor, dramaturgo e jornalista gaúcho Caio Fernando Abreu (1948-1994) construiu sua obra através de personagens ur-

banos e existencialmente inquietos. Ele ingressou no curso de Letras da Universidade em 1967 e, em seguida, no de Arte Dramática, mas abandonou ambos para se dedicar ao jornalismo. Seu livro de contos *Morangos mofados*, lançado em 1982, tornou-se sucesso editorial e marco de uma geração.

Entre 73 trabalhos inéditos, a comissão julgadora selecionou os seguintes textos: primeiro lugar, *Jules et Jim*, de Livia Petry Jahn (reproduzido na coluna ao lado); segundo lugar, *Banho de mar*, de Karin Luciane Cardoso Loukili; e terceiro lugar, para *Quatro retratos para Natacha*, de Rafael Conter. Os contos *O último dia*, de Edson Roig Maciel e *Poltrona oito*, de Luiz Henrique Sutelo Golasz, receberam menções honrosas.

Conforme a professora Rita Lenira Bittencourt, o Instituto de Letras prepara para o segundo semestre deste ano o lançamento do *Concurso de Poesias Mario Quintana*.

Perfil Paixões literárias: Rosa e Machado

A estudante do curso de Letras da UFRGS – Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Livia Petry Jahn é admiradora de Guimarães Rosa, Edgar Allan Poe e Machado de Assis. Ela conta que *Jules et Jim* é uma referência a um amor platônico que teve: "Tudo nasceu de uma paixão frustrada. Até hoje não sei se o primeiro homem por quem eu me apaixonei era gay ou não". A angústia de amar alguém e não ter retorno a motivou a escrever o texto. "O conto é uma ficção, mas tentei montar algo que partisse de uma experiência, de uma dúvida íntima para expressar uma realidade", explica a aluna.

Ela ingressou na Universidade em 2001 e prepara sua formatura para o segundo semestre desde ano. A estudante faz parte do projeto de contação de histórias da Letras *Quem conta um conto*, sob a coordenação da professora Ana Lúcia Liberato Tettmanzy. Na sua opinião, trata-se de um trabalho muito edificante: "É maravilhoso trabalhar com crianças, o que eu quero é ser professora".

Para aprimorar o exercício da escrita, Livia participa de oficinas de criação literária. Já foi classificada anteriormente em concursos regionais de conto e poesia. Em 2006, foi agraciada em outro concurso promovido pelo Instituto de Letras: o 1º lugar para o poema "Primeira Pedra" e Menção Honrosa para o poema "Noites Brancas" no IX Concurso de Poesia Mario Quintana. A escritora já tem dois livros publicados: *O Exílio das Palavras* (Poemas, 2001, AGE) e *Inventário das Delicadezas* (Antologia de contos, 10 autores, 2007, Nova Prova).

Jules et Jim

conto de Livia Petry Jahn

Gosto de ouvir a voz de Bastian, aquele timbre suave, rouco, às vezes intercalado com alguma exclamação. Sua risada, o mar invadindo a praia. Sua risada larga e funda como as águas, o oceano. Eu ficava olhando pra ele nessas horas: sua mão segurando o chope, a outra mão gesticulando com o braço, ele falando sobre o que Nietzsche disse de Deus, as sobrancelhas arqueadas, as pupilas me interrogando. Eu respondia obviedades, falava apenas o que sabia, e sabia pouco sobre o assunto. Às vezes me lembrava de alguma piada típica dos jornalistas. Bastian descontraía-se, jogava as pernas pra frente, se balançava na cadeira do bar. Eu acendia o cigarro, contava façanhas vividas em Paris: uma noite mal-dormida no metrô depois de uma bebedeira, uma chupada de graça no Bois de Boulogne em troca de uma tragada no baseado, coisas à toa.

Estava cheio dessa vida, um tédio. O trabalho se acumulando sobre a mesa, aquelas traduções malditas, o telefone tocando. Era sempre a mesma merda: o editor cobrando a revisão dos originais, estipulando prazos, pagando uma miséria. A secretária me olhando de alto a baixo, anotando em sua agenda com um ar de circunspeção e importância. Eu esperando ali, sentado na cadeira vermelha, olhando pro tapete, pras pernas da moça. Ela cruzava e descruzava as pernas dum jeito insolente. Um jeito que Bastian nunca teve.

Agora estávamos os dois ali, largados no meio da avenida num barzinho de esquina, contando o lado B da vida, o lado bosta. Ele me fitou dum jeito fundo, suspirou e disse: "ela viajou, foi embora, mal me disse tchau."

Senti seus olhos turvarem. "Foi pra Madrid, vai ficar três meses lá, intercâmbio!" Eu sabia o que ele estava pensando: ela lá, sozinha em Madrid, podia acontecer de conhecer alguém, um espanhol, sei lá! Alguém mais interessante que Bastian, com um futuro menos incerto, sem tantos problemas de família, sem dívidas no final do mês, sem ter de contar os trocados pra passagem do ônibus.

Ofereci-lhe mais uma cerveja e ficamos ali, os dois em silêncio, guardados em nossos pensamentos. Lembrei das férias de 78, de tio Rubens conosco na praia tirando fotos. Não queríamos saber de lembranças, agitávamos mãos e pés para caber n'água salgada, para quem sabe virar peixe outra vez. Até que Bastian teve a idéia: pediu a Polaroid emprestada e começou a tirar instantâneas das meninas de biquíni. Nos divertíamos como nunca até que uma prima abriu o bico. Então sim, o tio não se fez de rogado, sacou-nos a máquina das mãos, pôs a ambos de castigo por dois dias, sem praia, sem sorvete. Resistimos bravamente jogando bola num terreno baldio atrás da casa. O tio tomou-se de fúrias, espatifou um copo de caipirinha no chão da varanda, desistiu do castigo bobo, deixou-nos em paz. Sabíamos que ele havia sido zeloso com nossas fotos, e mirava-as às escondidas de tia Raquel. Embolados na rede, ríamos juntos do sucedido. Ríamos ainda mais agora. Pagamos a cerveja com o que ainda restava na carteira, saímos satisfeitos.

Gosto do olhar de Bastian, aquele jeito de menino travesso, o brilho no surgir da idéia, penetrante, presente. Não sei por que mirá-lo faz-me sentir um conforto estranho, estivesse eu no colo de um irmão ou mais que isso. Andamos os dois pela calçada, de repente ele chorou. "Ela foi e não sabe se volta. Ela foi e ficou de enviar um e-mail." A mala era lotada de roupas, apetrechos, livros de espanhol. Ela parecia a Carmem de Bizet, uma cigana. No aeroporto ainda teve tempo de dar um beijo salgado. Abanou, sumiu entre os outros passageiros.

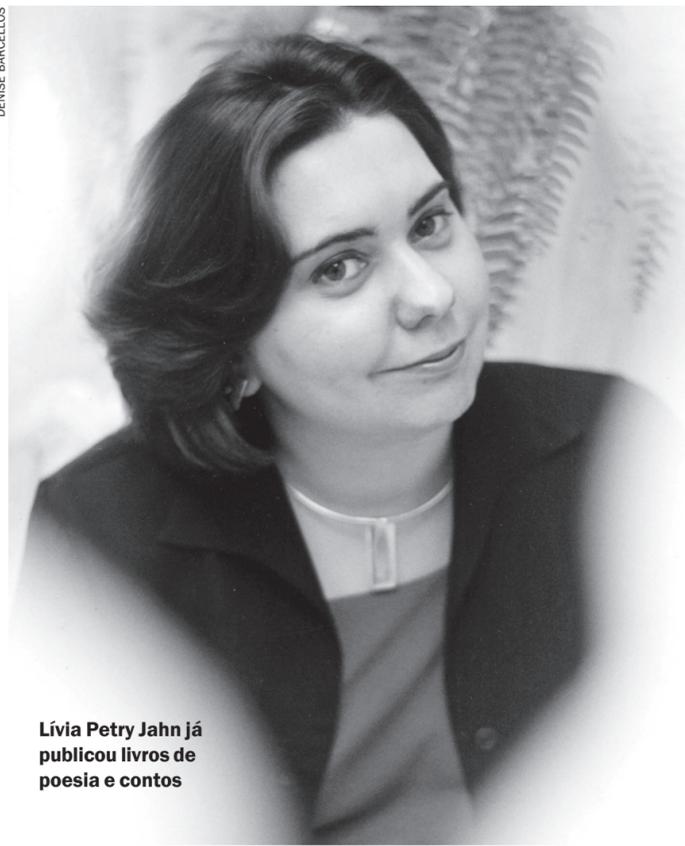
Tive pena de Bastian, pus o braço sobre seu ombro, disse que o entendia mas que tudo havia de passar, ela voltaria, com certeza. Passamos em frente a um cinema em ruínas, eu falei-lhe de meu sonho: rever o filme de Truffaut, *Jules et Jim*. Ele tinha o filme em casa, resolvemos assistir.

Gosto do cheiro de Bastian, esse cheiro de almíscar e cavalo selvagem. Sentamo-nos no sofá, a sala iluminada por um quebra-luz. Bastian me estendeu um baseado, acendi, fumamos. Senti o corpo flutuar, o filme passando no vídeo, as cenas mais lentas que o normal, o som mais nítido e alto, como um show dos Rolling Stones. Aquele ruído perpassando minha pele, arrepiando. Um langor, uma vontade de rir e chorar ao mesmo tempo. Foi quando Bastian falou num tom de voz sério, enternecido: "nós dois Roger, somos como *Jules et Jim*, não somos?" – "Ah, vai ver somos, sim." – Repliquei. Ele tinha os olhos postos em mim, continuou: "nós somos inseparáveis, você entende?" Eu respondi: "nós somos como eles, nem a guerra, nem o casamento, nem as mulheres podem nos separar." Bastian continuou ali, seu rosto de frente pro meu, inundando minha íris. Senti um estremezimento, aproximei mais minha face, toquei seus lábios. Bastian quis recuar, segurei-o firme, minha língua tocando sua língua, minhas mãos segurando sua cabeça, seus cabelos. Quando descolei meus lábios dos dele, Bastian deu dois passos para trás, estupefato. Saiu, foi ao banheiro.

Mirei a tevê: a atriz do filme parecia uma libélula histórica, de cabelos loiros. Atirava-se da ponte apenas para ser salva. Eu também quero me atirar da ponte. Bastian retornou, fitou-me longamente, uma vergonha qualquer escondida em seu peito nu. Segurei seu queixo, nada dissemos. Entroolhamo-nos e ofereci a ele um comprimido chamado "party". É só deixar derreter na língua, uma novidade trazida da França. Experimentamos. Eu vi tudo nublar-se até que um enorme cavalo vermelho apareceu no meio da sala. Vesti-me de cavaleiro, empunhei a lança. Só depois é que ouvi os gritos, os gemidos. Eu estava cavalgando sim, cavalgando Bastian. Eu também gritava, urrava feito um animal feroz. O filme entrava na minha cabeça e aquelas palavras retumbavam: "Laisse-moi! Je t'aime! Regarde moi, regarde mon souffrir!" Uma sirene estourou em meus ouvidos e eu me atirei sobre ele, exausto.

Gosto do suor de Bastian, seu gosto salgado tocando minha pele. Gosto de seu hálito, sentir sua respiração ofegante junto à minha. Gosto de vê-lo acordando, os cílios semi-cerrados, o peito se expandindo depois minguando, os braços caídos sobre o sofá. O aroma do café recém-passado se entranhando com os outros aromas da noite anterior.

Saio, fecho a porta devagarinho. Sei que ele vai ligar, sei o que vai dizer, o que vai me pedir. São três meses apenas, e ela vai voltar. Virá no vôo das 18h, numa tarde de agosto. Virá com os cabelos pintados de vermelho-bronze, um colar prateado com um olho no meio, botas pretas de couro. Chegará com o ar cansado dos viajantes, um sorriso querendo aparecer na face quando nos enxerga. Suas pupilas vão brilhar, ela vai fazer soar o nome tão conhecido, me cumprimentará com um abano de cabeça, abraçará o noivo. E seguiremos assim, os três no táxi, ouvindo o funk da Rádio Cidade, unidos como *Jules et Jim*.



Livia Petry Jahn já publicou livros de poesia e contos

REPRODUÇÃO

DENISE BARCELLOS

Extensão

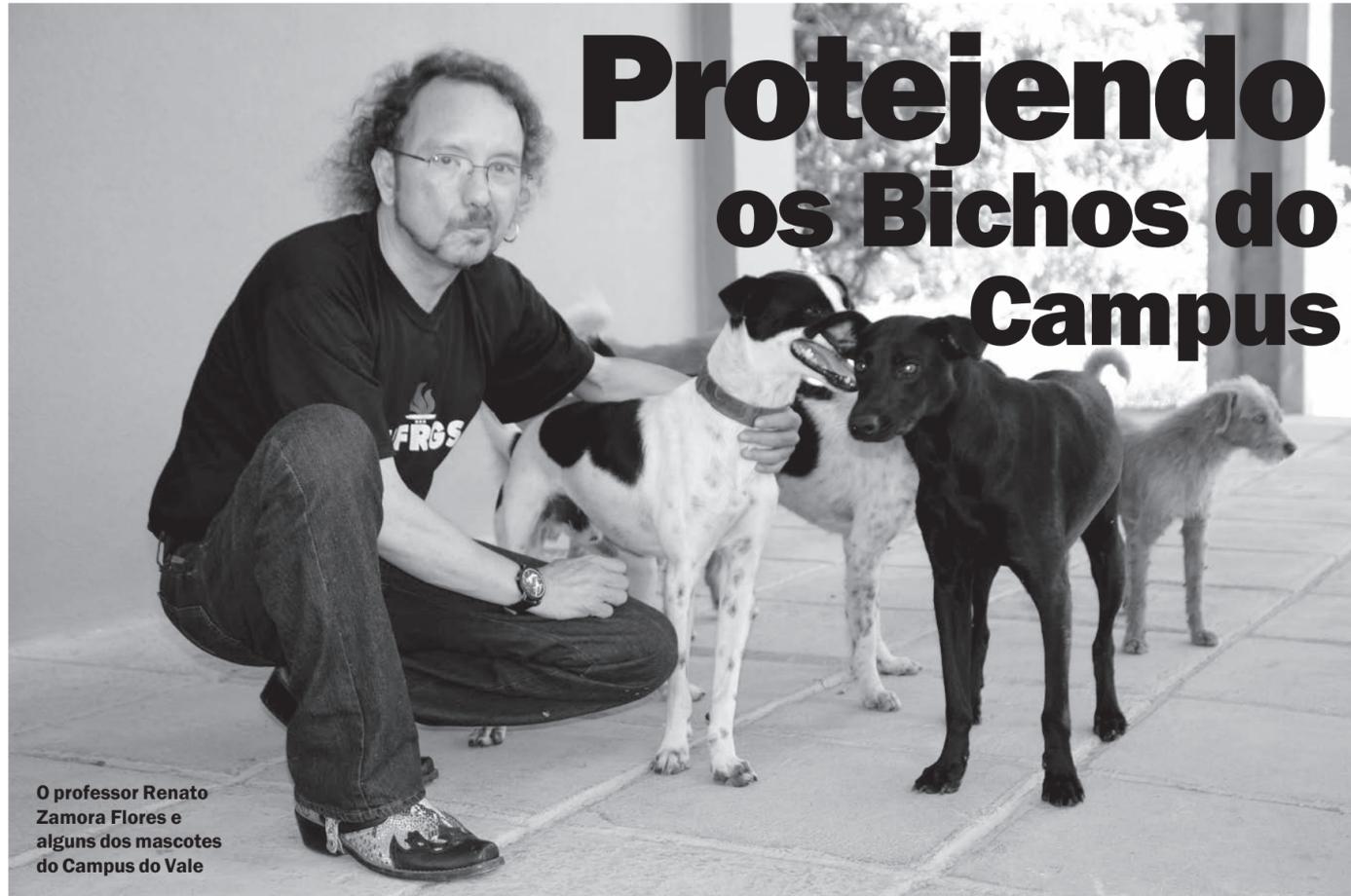
Projeto combate abandono e maus tratos de animais incentivando adoção de cães e gatos pela comunidade universitária

Ânia Chala

Quem circula pelo Campus do Vale neste início de semestre já deve ter percebido que nos corredores de acesso aos prédios e nos cantos das rampas e escadarias existem potes com água e porções de ração animal. O material é estrategicamente distribuído por um grupo de voluntários, que se dedica a cuidar e proteger os animais que transitam pelas dependências do Campus. São cerca de 40 pessoas, entre estudantes, professores e técnicos da UFRGS que decidiram agir diante da crescente população de cães e gatos abandonados por seus donos.

Renato Zamora Flores é professor do Departamento de Genética e desenvolve pesquisas sobre violência e maus tratos contra crianças, mas também coordena o projeto de extensão Associação de Defesa Animal e Ambiental do Campus do Vale (ADAAC). O trabalho começou em 1996, pelo interesse de poucas pessoas, mas de maneira desorganizada e sem vinculação com qualquer atividade acadêmica. “No final de 2006, resolvemos formalizar a ação. Atualmente, contamos com a parceria do Hospital de Clínicas Veterinárias, que tem colaborado não só nas castrações, como também na obtenção de vacinas e medicamentos e no tratamento de zoonoses. Sem essa parceira, nossos custos seriam triplicados. Além disso, recebemos doações de rações e medicamentos de ONGs e a colaboração de algumas Pet Shops, que nos cedem espaço nas feiras de doação de animais que organizam.”

Para o professor, o principal problema é o abandono e os maus tratos sofridos pelos animais. Somente nos feriados de Natal e ano novo de 2007, por exemplo, foram abandonadas três ninhadas no anel viário que contorna o Campus. “De modo geral, empatamos a chegada de novos animais



O professor Renato Zamora Flores e alguns dos mascotes do Campus do Vale

FOTOS: CADINHO ANDRADE

Protejendo os Bichos do Campus

com as adoções, que ficam em torno de quatro ou cinco por semana. Os filhotes são mais fáceis de doar. Já os adultos, especialmente, os mais velhos, acabam sendo levados para a casa de um de nós. Só no ano passado, foram contabilizadas 66 adoções de filhotes e 44 de animais adultos”, informa.

Segundo o geneticista, a idéia do projeto é educar a comunidade universitária para um comportamento ético em relação aos cuidados com os animais. Ele acrescenta que a Associação tem um esquema organizado de rodízio dos colaboradores, por isso, durante a semana, nas férias e mesmo nos feriados sempre há um voluntário a caminhar pelo Campus, verificando as condições dos bichos e repondo ração e água. “Os animais que vivem no Vale estão castrados, vacinados e desverminados. Se alguém encontrar algum doente e desnutrido é porque foi recém-abandonado”, diz Renato.

Riscos à saúde – Cães e gatos têm uma série de infecções, especialmente doenças de pele, que podem ser transmitidas aos seres humanos. Mas o professor destaca que o maior risco dentro da Universidade são os ataques

a pessoas. “Nesses casos, acionamos a Prefeitura do Campus, para proteger a comunidade. Em 2007, tivemos dois ou três casos de cães hostis que morderam frequentadores. Animais em sofrimento ou sentindo dor são muito mais propensos a um comportamento agressivo, por isso nossa preocupação em fazer uma ação preventiva. Bichos que foram atropelados ou fugiram de cativeiros, geralmente ficam agressivos e precisam de cuidados especiais. Eventualmente, alguns estão tão doentes que acabam sendo sacrificados, mas tudo depende de uma avaliação criteriosa e de acordo com preceitos éticos.”

Anos atrás, o sacrifício de animais era recomendado como forma de conter o crescimento das populações, mas hoje a própria Organização Mundial da Saúde recomenda a esterilização como forma de combate à superpopulação e aos problemas de doenças transmitidas a humanos. Nesse sentido, Renato avalia que o projeto da UFRGS segue as recomendações da OMS: as fêmeas grávidas que chegam ao Campus são tratadas e depois castradas, e os filhotes colocados em adoção.

Alguns animais receberam coleiras de identificação, pois foram ado-

tados por departamentos ou pessoas. “Mas temos problemas, porque eles brigam e acabam arrancando as coleiras uns dos outros. Periodicamente, temos que repô-las. Na coleira consta o nome do mascote, o nome do funcionário, aluno ou professor responsável e um telefone para contato.”

O coordenador esclarece que, assim que um novo animal aparece, ele é fotografado e identificado, e um dos voluntários é nomeado responsável por levá-lo ao veterinário e providenciar a vacinação. “Antigamente, éramos vistos como um bando de malucos. Agora que criamos o projeto extensionista, temos uma cara oficial e um banco de dados.”

Uma novidade que trouxe força à iniciativa foi a criação do *site*, lançado no segundo semestre de 2007 e batizado de *Bichos do Campus*, totalmente custeado pelos integrantes e colaboradores do projeto.

Receptividade – Walcy Pereira Oliveira, assistente administrativa da Secretaria de Relações Internacionais, envolveu-se com o trato dos animais abandonados em 2000 e, desde então, vem colaborando com o projeto. “É uma das experiências

mais verdadeiras de comprometimento com o bem público dentro da Universidade, numa área em que não há consenso.”

Michelle Selister, secretária da Comissão de Graduação do IFCH, é responsável pelo banco de dados do projeto. Ela diz que o descarte de animais no Campus do Vale vem crescendo ano a ano: “em 2005 e 2006, tínhamos uma média de 50 animais permanentes; em 2007, o número passou para 64; e agora, no começo do semestre, já temos 73.”

Neste ano, em parceria com o Instituto de Biociências, será criada uma área para tratamento dos recém-chegados. “Um galpão, no Nível 3 do Campus, será nosso local de primeiros cuidados e de preparo dos animais para sua colocação em feiras de adoção”, informa Renato Flores.

Além disso, a ADAAC foi convidada pela Coordenadoria de Gestão Ambiental da Universidade a colaborar para o tratamento do que também considera um problema ambiental. O professor espera que esta nova parceria traga mais agilidade ao atendimento prestado pelos integrantes da Associação e que alguns dos agentes ambientais formados pela UFRGS passem a atuar como voluntários.

Dica

Acesse o endereço www.bichosdo-campus.ufrgs.br ou envie um e-mail para bichosdo-campus@gmail.com e descubra como apoiar o projeto



Exemplo veio de iniciativas em outros estados

No Brasil, Florianópolis e algumas cidades paulistas, incluindo a capital, têm adotado posturas mais éticas e humanitárias no que diz respeito ao problema da superpopulação de cães e gatos.

Em Florianópolis, o poder público criou a Coordenadoria do Bem-Estar Animal que, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, a Universidade Federal de Santa Catarina e entidades de proteção animal promovem um trabalho diferenciado, fundamentado em programas de esterilização gratuita ou a baixo custo e campanhas educativas de conscientização para o exercício da posse responsável. A professora da UFSC Paula Brugger criou o programa “Amigo animal” voltado para alunos do ensino fundamental matriculados em escolas públicas municipais, que aborda o assunto de forma multidisciplinar.

A prefeitura de São Paulo, por meio do Centro de Controle de Zoonoses (CCZ-SP) e da Secretaria Municipal de Saúde tem lidado com o problema através de ações que preconizam uma

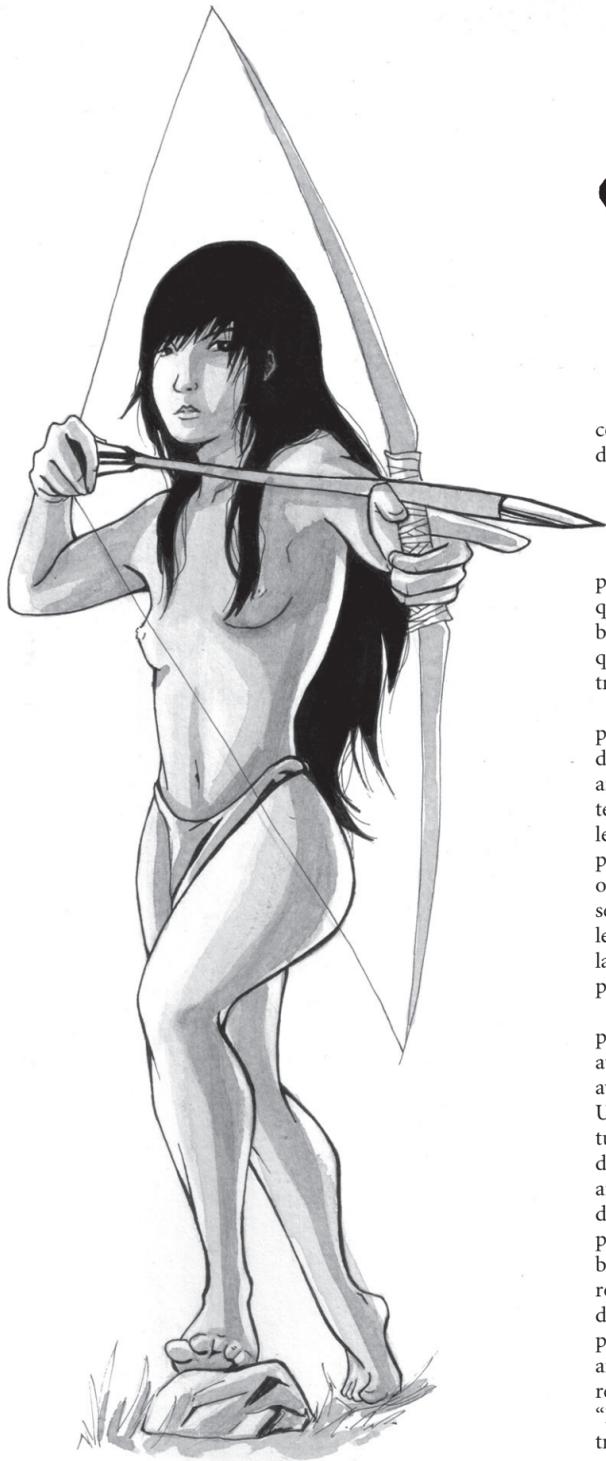
relação homem-animal-meio ambiente de forma ética e humanitária baseadas, principalmente, no controle da reprodução desses animais e em atividades educativas desenvolvidas em escolas públicas, como o programa “Para viver de bem com os bichos” que promove, entre outras coisas, o exercício da posse responsável.

Na cidade de Botucatu, a Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade Estadual Paulista (Unesp), mantém um projeto envolvendo ensino, pesquisa e extensão para reduzir a população de cães e gatos errantes na cidade e, conseqüentemente, a captura e sacrifício desses animais. A instituição adotou um método de controle baseado na esterilização cirúrgica de fêmeas e machos, realizada em aulas de graduação, cursos de extensão e projetos de pesquisa. O projeto tem diminuído o número de cães errantes e de filhotes indesejados com uma abordagem que respeita os princípios éticos em experimentação e que presta atendimento à comunidade e à saúde pública.

Na opinião do professor Renato Zamora Flores, o melhor exemplo é o da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) que criou, em 2003, o Centro de Monitoramento Animal (Cema), órgão ligado à Coordenadoria de Administração e Serviços da Prefeitura da Cidade Universitária. A Cema tem o intuito de preservar a segurança e a saúde da comunidade universitária, sem abrir mão do bem-estar dos animais atualmente soltos no campus. Tendo como linha de atuação um conjunto de ações baseado em campanhas educativas, que pregam a posse responsável e incentivam a adoção de animais abandonados, o órgão trabalha em parceria com ONGs, associações protetoras, clínicas particulares e voluntários pertencentes à comunidade universitária. A idéia é reduzir os problemas decorrentes do abandono, eliminando suas causas.

Na UFRGS, existem atualmente 73 animais abandonados (entre filhotes, cães e quatro gatos) circulando pelo Campus do Vale, todos identificados, vacinados e castrados.

Especial



AS ILUSTRAÇÕES DA CAPA E INTERNAS REPRESENTAM: JECA TATU, DA OBRA URUPÊS DE MONTEIRO LOBATO; NAZIAZENO, DA OBRA OS RATOS DE DYONÉLIO MACHADO; MACUNAÍMA, DE OBRA HOMÔNIMA DE MÁRIO DE ANDRADE; ANA TERRA, DA TRILOGIA O TEMPO E O VENTO DE ÉRICO VERÍSSIMO; FABIANO, DA OBRA VIDAS SECAS DE GRACILIANO RAMOS; ISAURA, DA OBRA A ESCRAVA ISAURA, DE BERNARDO GUIMARÃES

ACIMA, IRACEMA, DE OBRA HOMÔNIMA DE JOSÉ DE ALENCAR; AO LADO NAZIAZENO E MACUNAÍMA

Quem

te,

so

DESDE QUE COMEÇOU A TRABALHAR como coordenadora geral da equipe do processo de avaliação de redações da UFRGS, a professora Sabrina Abreu não havia se deparado com semelhante proposta de redação: escolha uma ou mais personagens da literatura brasileira que você julgue representativas da brasilidade; determine como e por que elas representam este ou aquele traço de um brasileiro típico.

Para ela, o tema proposto para a prova deste ano representou a quebra de um paradigma em relação aos anos anteriores, assumindo um caráter interdisciplinar e que privilegiou aqueles que lêem. “Além de ampliar as possibilidades de abordagem do tema, os candidatos tiveram liberdade para se movimentar em seu universo de leitura. As redações muito boas revelaram leitores experientes”, analisa a professora.

Paulo Ricardo Kralik Angelini, primeiro classificado na seleção dos avaliadores (sim, eles também são avaliados!) para a prova de redação da UFRGS 2008 e doutorando do Instituto de Letras, salienta o aspecto pedagógico “perfeito” da proposta deste ano: “Conseguiram não só aliar redação e literatura, desejo de muito professor de português, como também privilegiar o aluno que se preparou”. Assim como Sabrina, Ricardo destaca a liberdade que o tema proporcionou aos candidatos, que podiam eleger qualquer personagem que representasse a brasilidade nacional. “Escapamos daquela coisa mais abstrata, mais limitadora.”

Limitação que leva a resultados repetitivos, conforme constatação de Denise Vallerius de Oliveira, doutoranda do Instituto de Letras, que há cinco anos participa do banco externo de avaliadores do Vestibular da UFRGS – que são selecionados por processo público entre professores de português. “Na correção das provas anteriores, a impressão que tínhamos é a de que estávamos sempre lendo o mesmo texto. Essa foi a grande diferença, que acabou facilitando o tra-

balho do avaliador. Como os outros temas eram mais generalistas, permitiam ao candidato que não se aprofundasse muito, gerando uma grande quantidade de textos circulares, que diziam sempre a mesma coisa.”

É só o primeiro texto – “Estava na hora de sairmos de um modelo que já era quase conceitual de como fazer uma redação,” avalia Maria Adélia Pinhal de Castro, presidente da Comissão Permanente de Seleção (Coperse), órgão responsável pela organização e aplicação das provas da UFRGS. Experiente professora do Colégio de Aplicação, ela recorda a reclamação de seus alunos que fizeram vestibular em 2007 quando o tema foi *O que é mais importante para você: vivenciar situações racionalmente previsíveis ou vivenciar outras que o surpreendam e despertem sua emoção?* “É coisa de guria”, debochavam. Entusiasmada com as provocações positivas do tema da redação deste ano, Maria Adélia defende a ideia de que esta é a única prova em todo o exame vestibular que possibilita a criatividade do aluno: “E isso não pode ser desperdiçado”, adverte.

Sabrina também destaca o perigo da criação de modelos de texto que acabam limitando a expressão textual dos candidatos, quando ainda frequentam o ensino médio. Muitos professores direcionam o ensino de redação exclusivamente para o vestibular, relegando outras formas de expressão escrita como a poesia e a prosa. “Muitos pensam que precisam formar seus alunos para que tirem boas notas no vestibular”, critica a coordenadora. Focados nesta visão reducionista do ensino de produção textual, professores, cursinhos e mesmo os candidatos ignoram que este é só o primeiro texto de quem ingressa na Universidade. A professora preocupa-se que as normas de avaliação das redações dos vestibulares da UFRGS viam regra: “Muitas escolas, e também os cursinhos, usam nossos critérios de avaliação como método de ensino, mas o ensino da língua é mais do que isso”.

Vestibular Depois do impacto deste ano, candidatos com hábito de selecionar um personagem

TEXTO JACIRA CABRAL DA SILVEIRA
ILUSTRAÇÕES LAÍS TISSIANI DUTRA/NIQ



Tema Quatro possibilidades, alguns personagens

DIFERENTE DE PROPOSTAS ANTERIORES, os candidatos deste ano puderam articular o tema dentro de quatro perspectivas, afastando assim a possibilidade do zero por fuga ao tema. Até então, o máximo de abordagens eram três. De acordo com Sabrina Abreu, coordenadora do processo avaliativo das redações, a partir de cada tema proposto a comissão estuda os possíveis ângulos de abordagem da proposta.

A partir deste critério, os vestibulandos 2008 puderam abordar a tipificação da identidade nacional, focalizando um ou mais personagens e justificando suas escolhas; tratar da identidade nacional, evidenciando apenas uma característica do brasileiro típico através de um ou mais personagens; tratar da identidade nacional referindo um ou mais perso-

nagens, apresentando um mosaico de características; ou sustentar a impossibilidade da tipificação de uma identidade nacional.

Com o título “Triste fim do brasileiro”, um dos candidatos retratou, com a ajuda de Policarpo Quaresma, personagem de Lima Barreto, a capacidade de persistência do povo brasileiro que nunca se resigna diante das dificuldades, nem desiste de seus sonhos. Segundo Sabrina, esta modalidade foi a mais empregada entre os candidatos, ou seja, a escolha de um personagem e a justificativa de sua eleição como perfil do povo brasileiro. Paulo Ricardo contabiliza que um dos campeões nesta perspectiva foi Naziazeno, da obra *Os Ratos* de Dyonélio Machado.

A imagem do Brasil como uma na-

ção eufórica, regada a carnaval, fez parte de algumas redações, nas quais os autores preferiram descrever a brasilidade através de uma única característica. Aqui entra em cena Fabiano, personagem de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, autor mencionado por muitos candidatos. Através da história desse sertanejo, “que constrói sua vida à sombra de uma elite egoísta”, outro estudante descreveu um país de contradições onde a humildade é o que representa o típico brasileiro. Para Denise, a escolha de personagens como Fabiano, evidencia a preferência dos jovens por personagens que, mais do que anti-heróis, representam uma literatura de denúncia social.

A opção mais difícil, entretanto, mas que resultou em textos admiráveis, foi a da negação de uma brasilidade típica. Denise comenta que

aqueles que se saíram bem nesta modalidade evidenciaram riqueza argumentativa para desconstruir o mito da brasilidade. Assim como o autor (ou autora) de “Brasileiro típico? Mais uma ficção sociológica”, para quem a melhor literatura universal sempre foi escrita numa concepção universalista, mesmo que falando de um aldeão de qualquer confim da terra. Esses textos sempre registraram os dramas humanos, a insignificância da vida, as incertezas, as alegrias e os reveses. Por isso, na argumentação deste candidato, a abordagem psicológica dos personagens está mais próxima de uma tentativa socrática do conheça-te a ti mesmo, do que as ficções sociológicas tolas sobre o caráter dos brasileiros.

Creve

to ante o tema da prova de redação da UFRGS
hábito de leitura sentiram-se privilegiados na hora
m que representasse a brasilidade de nosso povo



Pssiu... Sigilo total

Não só os candidatos ficaram surpresos com o tema da redação do último vestibular da UFRGS, que inovou ao integrar redação e literatura. O sigilo obrigatório do processo seletivo, coordenado pela Comissão Permanente de Seleção (Coperse), impactou também os 164 avaliadores que compunham as dez equipes de correção das provas, coordenadas pelas docentes do Instituto de Letras, Sabrina Abreu e Lúcia Rebello. Sabrina revela que a coordenação não sabe quem são os professores que elaboram as provas, e mesmo que o trabalho com os avaliadores consuma alguns meses – desde seleção e treinamento – a certeza sobre o que vão corrigir só vem depois que os alunos recebem suas provas e o tema é liberado para a comissão de avaliadores.

Só que, para chegar até esse momento, muito foi feito. A coordenação geral e os coordenadores de equipe já revisaram e fizeram adaptações no Manual do Avaliador; e os 135 avaliadores, selecionados meses antes em processo aberto para professores das redes pública e privada, cumpriram seus temas de casa: “Durante as festas de final de ano, treinaram, corrigindo redações do ano anterior”. Neste manual constam itens referentes à modalidade analítica, nos quais são avaliados a estrutura, o conteúdo e a expressão lingüística; e à modalidade holística, que analisa o texto como uma unidade indissolúvel. Ou seja, enquanto nos colégios e nos cursinhos os aspirantes a candidatos treinam e retreinam como redigir para uma prova de vestibular, os avaliadores preparam-se para uma média anual de 14 mil redações a serem corrigidas no vestibular da UFRGS.

Mas nada se compara à correria contra o tempo quando chega janeiro. Se, de um lado, há o nervosismo dos estudantes ante a folha branca destinada à redação, do outro, dezenas de professores de português, criteriosamente contratados para a função, passam quatro dias corrigindo e/ou recorrendo de 20 a 30 redações por dia. Neste ano, foram corrigidas 15.024 redações, sendo que cada uma delas passou, pelo menos, por duas correções. Processo totalmente acompanhado pela equipe do Centro de Processamento de Dados (CPD) e assessorado pelo pessoal de apoio da Coperse. Enquanto o CPD envia relatórios diários sobre o desempenho dos avaliadores, sobre os índices de discrepância (diferença de juízo de penalização), os funcionários da Coperse organizam e distribuem as provas que não podem ser identificadas pelos avaliadores. De acordo com Sabrina Abreu, a média diária de correções, decorrente das discrepâncias entre as avaliações não ultrapassa 10%.

Redação Um exemplo

Direta, sem deixar dúvidas. Foi como Ildo Luiz Junior Lando, 20 anos, classificou a proposta de redação da UFRGS deste ano. Ele tirou o primeiro lugar para o curso de Direito e, ao comentar o tema da prova, destacou a valorização tanto da Literatura Brasileira como também a do aluno leitor. A seguir, o primeiro texto de Ildo na universidade:

A compreensão da brasilidade através dos livros

As dimensões continentais de nosso país traduzem geograficamente sua grande multiplicidade étnica e cultural. Uma das formas de compreender e de apreciar essa diversidade é através dos livros brasileiros e de suas respectivas personagens.

Desde o século dezenove, em que o Brasil se tornou independente, nossos autores têm-se preocupado em retratar o povo e a paisagem locais com o objetivo de definir o caráter típico do brasileiro; a intensa mistura cultural de nosso meio, contudo, torna impossível representar o país através de somente uma personagem. As obras da Literatura Brasileira apresentam-nos personagens que, conjuntamente, podem bem demonstrar a brasilidade. Uma criação exemplar é Leonardinho Pataca, de “Memórias de um sargento de milícias”, o qual traduz a malandragem e o “jeitinho brasileiro”, sendo este apontado como uma das causas dos males sociais, como a corrupção.

A falta de informação presente entre a maioria da população brasileira é visível em Macabéa, do livro “A hora da estrela”: ela caracteriza-se por sua ignorância não só em relação ao mundo, mas também no que diz respeito a si mesma, fato que é ainda mais grave, já que é preciso conhecermos nosso próprio caráter para entendermos a complexidade daquilo que nos cerca. A realidade, por sua vez, muitas vezes é explicada por nosso povo através das superstições, as quais estão presentes, principalmente, no meio rural, sendo que este foi representado magistralmente pelo escritor João Guimarães Rosa em “Grande Sertão: Veredas”: o cangaceiro Riobaldo demonstra não só a crença no sobrenatural, típica da brasilidade, como também a coragem e a resiliência necessárias à sobrevivência em ambientes inóspitos como os do sertão.

A arte literária brasileira, portanto, representa de diferentes formas as características de nosso país, o qual ainda está formando sua identidade. Além disso, as personagens de nossa literatura traduzem os erros e os acertos de nossa nação, cuja sociedade é composta majoritariamente por indivíduos honestos, que anseiam por uma pátria mais justa e igualitária.

Tendência Jovens preferem autores pós-30

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. A personagem da obra romântica de José de Alencar, ainda que tenha sido lembrada por muitos candidatos na hora de escolher o personagem que retratasse o perfil do povo brasileiro, está longe de ser exemplo de literatura de cabeceira da atual juventude brasileira. De acordo com a doutoranda do Instituto de Letras e uma das avaliadoras da redação do último vestibular da UFRGS, Denise Vallerius de Oliveira, os jovens de hoje se identificam muito mais com a linguagem modernista pós década de 30 do que com as metáforas do romantismo, que tem em Alencar importante referência nacional.

Mas, para Denise, antes de ser uma questão de preferência, o que caracteriza o jovem leitor brasileiro é justamente a falta de leitura: “É difícil eles lerem”, reclama. E, quando o fazem, restringem-se às indicações literárias para as provas de vestibular das diferentes instituições. Constatação que ficou evidente neste ano, quando Naziazeno foi um dos personagens literários mais citados. “Acho que todo mundo leu *Os Ratos*, de Dyonélio Machado porque é um livro curto”, arrisca Paulo Ricardo Kralik Angelini, também doutorando do Instituto de Letras e professor há cinco anos em duas escolas de ensino médio da rede privada de Porto Alegre. Por experiência própria, Ricardo lamenta que os seus alunos acabem lendo, a exemplo de todos os outros, apenas aquilo que lhes é cobrado. Em aula, costuma comentar que um livro é melhor do que um professor particular, porque tudo está ali: “Lendo um livro, vocês vão conseguir gravar a grafia das palavras, construir frases melhores...” Ainda assim, ressalta: “É tarefa quixotesca”.

Maturidade ou educação? Ricardo não sabe explicar precisamente por que tanta diferença entre as garotas e os rapazes pré-vestibulandos. O fato é que ele constata que,

no primeiro ano do ensino médio, é visível o maior interesse e desempenho das jovens, em comparação aos meninos. Em geral, as meninas são mais organizadas, lêem as recomendações, têm os cadernos mais completos. “Quando chega no terceiro ano, a diferença é menor.” Mesmo assim, o jovem professor, que pesquisa sobre Literatura Portuguesa, edita o *site* Argumento e conversa com seus alunos via Orkut, acredita que o que distancia realmente o jovem dos livros é a velocidade com que tudo acontece hoje em dia: “Por isso, se torna quase inviável para um adolescente ficar sentado em uma poltrona no quarto ou na sala, com um livro nas mãos, quieto e lendo. É uma tarefa que exige muito dele.”

A teoria de Ricardo é a de que os jovens estão sempre ligados em tudo ao mesmo tempo. Seja na aula ou em casa, onde o som, a tv e o computador permanecem funcionando ininterruptamente. “Eles não conseguem parar.” O professor recorda o comentário de uma colega a respeito de uma palestra que assistiu sobre o comportamento da juventude: “O jovem tem de 7 a 8 minutos de concentração em algum tema”. O que, para um professor é assustador, se considerarmos que uma aula dura 50 minutos: “A vida deles está tão agitada que, quando param, é porque alguma coisa está errada.”

Entretanto, existe um hábito contemporâneo comum entre jovens e adolescentes que Ricardo não considera tão vilão na produção textual, como tantos condenam: “O problema nas redações dos jovens não está relacionado ao hábito de escrever na Internet”. Para ele, é uma bobagem afirmar que isto está fazendo morrer a língua. “O que eles fazem na Web não tem nada a ver com o que fazem em sala de aula.” A causa principal de textos deficientes “é a falta de conteúdo, de visão crítica de mundo, de relação entre os fatos, de vivência. Eles não estão acostumados a ler, a ir ao cinema para ver filmes que não sejam sucessos comerciais. Não estão acostumados a ir ao teatro. Não lêem jornal, não lêem revista etc”.

Ensaio

Razões da crise imobiliária americana



ILUSTRAÇÃO: PAULA TRUSZ/NIQ

Giácomo Balbinotto Neto*

A crise no mercado imobiliário norte-americano, mais conhecida como crise do *subprime*, está relacionada às perdas geradas com o financiamento de imóveis no mercado dos Estados Unidos, que acabaram por afetar a saúde financeira de grandes bancos e fundos de investimento, bem como de bancos em outras partes do mundo. Isso ocorreu porque os investidores desfizeram-se de suas posições em créditos hipotecários, o que refletiu em mercados, como o de títulos de curto prazo americano – conhecidos como *commercial papers*. Além disso, a taxa de juros no mercado interbancário subiu devido à incerteza criada.

O problema foi causado pela desaceleração ocorrida no mercado imobiliário, com queda nas vendas de novos imóveis e nos seus preços. Esta última é particularmente importante, pois torna difícil renegociar as hipotecas *subprime*, o que levou a uma significativa inadimplência dos tomadores de empréstimos. Só no primeiro trimestre do ano passado, 14% deles tornaram-se inadimplentes.

Histórico – A questão está vinculada à valorização dos imóveis residenciais nos EUA, que, de 1997 a 2006, tiveram seus preços aumentados em 85%. Tal valorização foi sustentada por uma expansão do crédito imobiliário devido, em grande parte, à incorporação ao mercado de devedores *subprime*, isto é, pessoas físicas com elevado risco de crédito. Esse grupo inclui consumidores com renda incompatível com as prestações, passado de inadimplência, falta de documentação, sem patrimônio para garantir os empréstimos e trabalhadores autônomos. A concessão de crédito a esses devedores, não sendo adequadamente analisada e monitorada, levou ao agravamento dos problemas de assimetria de informação^[1] no mercado de crédito, com consequências perversas sobre a economia.

As consequências foram significativas para o sistema bancário, via suspensão de pagamentos, e também para a economia real, devido ao declínio da riqueza sobre os gastos de consumo e dos investimentos residenciais. A crise emergiu com força a partir de junho de 2007, quebrando fundos, investidores, compradores de residências e imobiliárias intermediárias, reduzindo significativamente lucros dos bancos, ameaçando contaminar outras praças (na Europa), derrubando bolsas de valores mundo afora (menos na China) e levando insegurança e volatilidade aos mercados. Atualmente, as perdas financeiras estimadas situam-se em torno de 70 bilhões de reais.

Consequências em longo prazo – Contudo, o fato parece ser apenas o começo de uma situação mais severa que deverá se refletir em 2008, pois existe um elevado estoque de empréstimos imobiliários que terá aumento nas prestações ao longo dos próximos dois anos. Isso terá efeito sobre os bancos, empréstimos, investimentos, taxa de juros e produto da economia. Em outras palavras, espera-se que as consequências se prolonguem e os mais afetados serão os bancos. O *Deutsche Bank* estima uma perda até o final deste ano de 300 bilhões de dólares. Apesar disso, num cenário mais otimista, espera-se a crise não deva ter efeitos significativos sobre os bancos dado que, em sua maioria, eles estão capitalizados, são lucrativos e suas carteiras são diversificadas. Ou seja, é esperada uma redução temporária dos lucros bancários. Contudo, num cenário mais pessimista, não se deve descartar a possibilidade sempre exis-

tente de contaminação de outras instituições e mercados e o aumento da incerteza. Neste cenário, as consequências seriam extremamente graves. Assim, uma boa dose de cautela por parte dos administradores de carteira e investidores seria o comportamento recomendado para 2008 e início de 2009. A *Goldman Sachs*, por exemplo, já admite um cenário de dois trimestres de crescimento negativo, de -1%, e uma taxa de 0,8% para o ano como um todo. Já a Organização para o Desenvolvimento e Cooperação Econômica (OECD - sigla em inglês), em seu *Economic Outlook* de dezembro de 2007, prevê um crescimento da economia americana para 2008 em torno a 2%.

A situação pode ser vista como uma crise financeira na qual os mercados tornam-se incapazes de canalizar os fundos dos que detêm uma poupança líquida positiva para aqueles que possuem oportunidades de investimento. As crises financeiras resultam, assim, em uma brusca contração na atividade econômica, com quedas acentuadas nos preços dos ativos (no caso em questão, principalmente o preço dos imóveis e também quedas nas bolsas de valores) e inúmeras quebras de corporações financeiras e não financeiras. Quando choques atingem o sistema financeiro, piorando os problemas de assimetria de informação, dificultado a precificação dos ativos e dos projetos de investimento e ainda aumentado a incerteza, os empréstimos tendem a se reduzir, mesmo para aqueles com oportunidades produtivas de investimento. A falta de crédito leva os indivíduos a reduzir o seu consumo e as empresas seus investimentos, gerando severa redução da atividade econômica. Como

consequência, teremos uma queda no produto e aumento no desemprego.

Conclusões – Todos os fatores de uma crise financeira se encontram presentes no episódio da *subprime*: elevação das taxas de juros pelos bancos e dos empréstimos interbancários, queda nas bolsas de valores, redução de preços dos imóveis o que diminui o valor das garantias e elevação do nível de incerteza da economia. Esses aspectos agravam os problemas de informação assimétrica no sistema financeiro, que se torna ineficiente do ponto de vista da alocação de recursos na economia – alocar os recursos dos poupadores para os investidores.

O ponto fundamental é que a crise das *subprime*, ao reduzir o valor dos imóveis, reduz também o valor das garantias, agravando os problemas de assimetria de informação. Enquanto os empréstimos forem segurados por uma garantia – pois isto reduz o risco para o emprestador, podendo implicar até mesmo numa taxa de juros menor – eles serão concedidos com maior facilidade. Contudo, quando o seu valor se reduz, a taxa de juros aumenta, pois há risco de não pagamento. Em outras palavras, as garantias podem funcionar como um mecanismo de filtragem dos projetos de alto e baixo risco e dos credores. Mas, quando elas se reduzem, agrava-se ainda mais a difícil situação dos bancos e agentes financeiros envolvidos.

Outro canal pelo qual a crise se manifesta é o do balanço patrimonial. Quanto maior o patrimônio líquido de uma família, menor é a probabilidade de inadimplência, porque ela estará escorada por ativos que pode-

irão ser utilizados para pagar seus empréstimos. Contudo, no caso da *subprime*, com a queda no valor dos imóveis temos uma redução do patrimônio líquido das famílias. Assim, quando as famílias que requerem crédito tiverem um patrimônio líquido baixo, as consequências do problema têm mais importância e relevância, e os emprestadores estarão menos dispostos a conceder empréstimos. Isto agrava a situação das empresas do setor real da economia – empresas de construção civil, empreiteiras, material de construção e o mercado de trabalho no setor.

Portanto, são os problemas de assimetria de informação que podem gerar crises financeiras, afetando diretamente a função básica do sistema financeiro de alocação de recursos, penalizando não somente os agentes envolvidos diretamente – bancos e financeiras – como outros setores da economia. Tais problemas também acabam influenciando outros países, principalmente no contexto de um sistema financeiro altamente integrado e globalizado. Assim, a lição que tiramos desta crise, que ainda está em curso, é que os problemas de assimetria de informação importam e que as crises financeiras têm relevância fundamental para explicar os movimentos da economia no curto prazo, aumentando sua volatilidade e instabilidade. Deste modo, acordos internacionais como o da Basileia, que fortalecem a regulação bancária e a intervenção ativa nos principais bancos centrais em momentos de crise, são fundamentais para acalmar os ânimos e fortalecer o sistema financeiro.

^[1] *Assimetria de informação refere-se a uma situação na qual um dos agentes econômicos envolvidos numa relação contratual possui mais informações do que outro. No mercado financeiro isto implica que o credor tem mais informações relevantes do que o emprestado.*



Eduardo Moacyr Krieger

“Ciência não se orienta”

Jacira Cabral da Silveira

A convite da Academia Brasileira de Ciências da região Sul, Eduardo Moacyr Krieger, presidente da entidade de 1992 a 2006, esteve em dezembro na UFRGS para receber uma homenagem de pesquisadores em encontro aberto a toda comunidade acadêmica. Formado pela antiga Faculdade de Medicina de Porto Alegre, Krieger é professor Emérito da USP de Ribeirão Preto e dirige há 23 anos a Unidade de Hipertensão do Instituto do Coração do Hospital de Clínicas da Universidade de São Paulo, onde também coordena um programa de pesquisa integrado em hipertensão. Defensor da universidade como local privilegiado no desenvolvimento da pesquisa e na formação de pessoal qualificado, o professor foi responsável pela formação de mais de 30 doutores, que hoje lideram grupos de pesquisa cardiovascular e hipertensão em diferentes centros do país. Em entrevista exclusiva ao *Jornal da Universidade*, ele falou sobre saúde, investimento, inovação, ensino público e privado.

Jornal da Universidade – Qual o seu diagnóstico a respeito da saúde no país?

Eduardo Moacyr Krieger – Carecemos de uma coisa fundamental, se pretendeu – e é da Constituição – dar saúde a todo brasileiro, mas isso envolve custos e não há verba suficiente para prestar atendimento de forma adequada. Esse é o grande problema: o Estado assumindo a saúde da nação, independentemente de ter ou não recursos e a capacidade para enfrentar as demandas do setor.

JU – Mas se a questão é basicamente monetária, o senhor saberia explicar porque até hoje não existe no Congresso Nacional uma comissão parlamentar permanente para tratar da saúde?

Krieger – Eu não saberia dizer que tipo de organização existe. O fato é que gastamos por habitante uma fração de recursos muito inferior não só aos países desenvolvidos, mas também àqueles com menores condições. Neste particular, o Estado brasileiro é perverso, porque, mesmo em educação o investimento é menor. Alguma coisa precisa melhorar a disponibilidade de recursos para estes setores. A CPMF, por exemplo, foi criada para dar recursos à saúde, mas com o tempo passou a financiar outros setores. Essa é a tragédia no Brasil. O que o Jatene (ex-ministro da Saúde) criou foi reduzido em cerca de 40% ou 50%. Isso demonstra que a área não recebia e continua a não receber nem o que é devido por lei.

JU – Segundo o coordenador do Programa de HIV/Aids das Nações Unidas (Unids), Pedro Chequer, o Brasil se mantém na mesma situação de epidemia estável desde 2000. Como o senhor avalia este aspecto da saúde brasileira?

Krieger – Em termos de Aids, um dos melhores programas do mundo é o brasileiro. Isso demonstra que não nos falta capacidade de organizar programas e pessoal preparado. O problema é recurso. O HIV, por alguma razão, sensibilizou o governo e a opinião pública e os recursos estão indo para esse setor. Conheço de perto a Casa da Aids ligada à Faculdade

Homenagem Encontro de pesquisadores na UFRGS teve como convidado especial ex-presidente da Academia Brasileira de Ciências



VANOR COBREIA

de Medicina de São Paulo, que oferece um tratamento modelar aos pacientes. Este é um bom exemplo de que, quando há recursos, motivação política e sustentação, você pode realmente ter sucesso.

JU – Qual sua análise a respeito da necessidade dos países se adaptarem às mudanças climáticas, conforme recomenda a Rede de Ação para o Clima?

Krieger – Quando se estuda o tema, percebe-se que a maior produção de gás carbônico, principal responsável pelo efeito estufa, dependeu muito do desenvolvimento que os países tiveram usando energias poluidoras à base de carvão e de petróleo. Hoje, todos tomaram consciência de que o subproduto desse desenvolvimento é a poluição atmosférica. Mas o resto do mundo precisa se desenvolver. A primeira coisa que precisamos fazer é encontrar mecanismos mais limpos para gerar desenvolvimento. Nisso a Ciência pode auxiliar. Países como Índia, China e Brasil não podem repetir os erros dos outros. Neste aspecto, o Brasil está bastante avançado, pois a maior parte de nossa energia provém de hidrelétricas, e agora temos os biocombustíveis. Nosso calcanhar de Aquiles na questão ambi-

ental é o desmatamento, que corresponde a 70% da nossa produção de gás carbônico.

JU – O senhor disse que a Ciência pode ajudar nessa questão?

Krieger – Há pouco, as Academias de Ciências do mundo deram publicidade a um estudo que levou cerca de dois anos para ser realizado, coletando o que há de melhor nos cérebros internacionais, coordenado pelo brasileiro José Goldenberg e pelo Prêmio Nobel Eteven Chu (1997). Uma das primeiras coisas que a pesquisa mostrou foi a necessidade de usarmos a energia com mais eficiência. No estado da Califórnia, por exemplo, que tem leis para melhorar a eficiência energética, o consumo mantém-se praticamente estável. Isso comprova que um dos caminhos é melhorar a eficiência do uso, é ter geladeiras que consomem menos.

JU – Durante sua experiência como presidente da Academia Brasileira de Ciências o senhor conviveu com diferentes governos. Como foram esses relacionamentos?

Krieger – Esse é um ponto muito importante porque a Academia, criada em 1918, tem caráter perene. Con-

sideramos que Ciência é política de Estado e não de governo. Os governos passam, mas a saúde e a educação são problemas de Estado. Por isso, dialogamos com normalidade com todos os ministros.

JU – A Ciência produzida hoje no Brasil se destaca em que áreas?

Krieger – A Ciência brasileira cresceu muito nas últimas décadas. Passou de 0,4% da produção internacional (na década de 80) para praticamente 2%. E todo ano está se desenvolvendo mais. Há dois anos, éramos o 17º lugar em produção de Ciência, e agora ocupamos o 15º posto. Esse crescimento ocorreu de maneira muito uniforme. O perfil da Ciência brasileira é bastante semelhante ao da internacional. Se a Medicina representa 30% da produção científica internacional, no Brasil chega aos 20%.

JU – Como o senhor vê a parceria das universidades com o setor privado?

Krieger – É importante fazermos uma distinção: precisamos considerar o conjunto do sistema Pesquisa, Tecnologia & Inovação como parte de um todo, não podemos separar as políticas. Mas cada um desses setores, embora necessitem fazer parce-

rias, têm uma lógica própria. A Ciência tem uma lógica própria: defender pessoas, cientistas que vão estudar aquilo que realmente têm curiosidade. Você não pode ter políticas rígidas orientando-a. Ciência não se orienta. Ciência tem que ter qualidade. O pesquisador tem que ter liberdade para poder avançar. Em qualquer país do mundo a Ciência progride dessa forma. E para o cientista ter liberdade para fazer pesquisa de qualidade e de interesse da sociedade, o financiamento tem que ser público. Em qualquer país do mundo o financiamento da pesquisa básica é público: Estados Unidos, Inglaterra, Rússia, China. Socialistas ou capitalistas, todos concordam que a pesquisa básica deve ser mantida pelo setor público.

JU – Mas o setor privado precisa de Ciência?

Krieger – Claro. E eles se beneficiam muito da pesquisa que é feita na universidade. Primeiro porque ela permite formar quadros mais qualificados para o setor empresarial. Não só o profissional, como também aquele que vai ser contratado para fazer inovação. Um dos “produtos” da universidade é a formação de recursos humanos mais competentes. Por outro lado, a lógica do setor empresarial é o lucro. A parceria que a universidade faz é estratégica para o país, porque ajuda a empresa, mas deve ser uma fração das suas atividades. A universidade não pode achar que ela vai fazer os projetos. Quem vai colocá-los em prática na empresa é o egresso universitário. Essa é a função da universidade. Além disso, o pessoal que vai para a empresa fazer inovação topa com problemas novos e tem que voltar para a universidade para buscar respostas. Por isso, a educação continuada é hoje uma atividade fundamental, já que o profissional sempre vai precisar reciclar-se. Faço questão de fazer essa distinção: embora o sistema suporte Pesquisa, Tecnologia & Inovação, cada um tem sua própria lógica que precisa ser respeitada. Não existe essa história do setor privado financiar a pesquisa na universidade. Mas isso não exclui a necessidade de parceria, de serem feitos convênios conforme a Lei de Inovação está permitindo. O produto da universidade é formar e continuar atualizando aqueles que farão a inovação na empresa.

JU – Nesse sentido, como o senhor percebe a importância da universidade pública?

Krieger – Acho que, tanto a universidade quanto a educação em geral, devem ser consideradas como bem público de responsabilidade governamental. Na maioria dos países, o sistema universitário é predominantemente público. Mesmo nos Estados Unidos 75% dos alunos estão em universidades públicas e os 5% restantes estudam em instituições privadas sem fins lucrativos. São entidades que promovem a pesquisa e têm alto nível. Mas você pode ter uma universidade privada junto com a pública e as duas buscando qualidade. O problema é quando as privadas visam apenas o lucro, o que infelizmente foi o que ocorreu no Brasil. O sistema privado inchou e as instituições públicas não cresceram adequadamente. Mas, de maneira geral, as privadas não primam por apostar em qualidade e pesquisa.



Direitos humanos numa visão antropológica

Coletânea *Textos de estudantes de graduação e pós-graduação refletem sobre o papel da antropologia no mundo contemporâneo*



Ânia Chala

O livro *Antropólogos em Ação: experimentos de pesquisa em direitos humanos*, lançado no final do ano passado, reúne 14 artigos de alunos dos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade. Os textos, organizados pelas pesquisadoras Claudia Fonseca, Patrice Schuch e Soraya Fleischer, procuram desvendar qual a contribuição da Antropologia para o estudo dos direitos humanos, bem como o papel do antropólogo nos dias de hoje.

Claudia Fonseca, coordenadora do Núcleo de Antropologia e Cidadania (Naci) do IFCH ao lado da professora Denise Jardim, conta que o órgão surgiu em 1995, por solicitação dos alunos da graduação, que queriam colocar em prática o que aprendiam no curso de Antropologia. “Boa parte dos estudantes de Ciências Sociais se interessam por questões de desigualdade social e discriminação, questionando para que serve o trabalho do antropólogo. Nós também compartilhamos essa inquietação. Acharmos fundamental a parte teórica e a interlocução acadêmica, mas ao mesmo tempo existe a preocupação de não nos encerrarmos numa torre de marfim. Por isso, procuramos fugir da separação entre teoria e prática.”

Antropólogos em ação: experimentos de pesquisa em direitos humanos
Ed. da UFRGS, 2007, 223 págs., R\$ 20, organizado pelas professoras Claudia Fonseca, Patrice Schuch e Soraya Fleischer

Patrice Schuch, uma das organizadoras do livro, acrescenta que muitos dos alunos ligados ao Naci trabalham em ONGs, e que o interesse na troca de experiências vem não só dos estudantes como dos próprios funcionários dessas instituições. Para a antropóloga, durante o processo de interlocução, esses profissionais deixaram de ser meros objetos de pesquisa para se tornar parceiros de reflexão. “Acreditamos inclusive que alguns desses sujeitos possam tornar-se antropólogos. E esse é um dos pontos levantados pelo livro: a desmistificação das divisões da academia, pois formamos uma rede de pessoas atuando e refletindo sobre alguns problemas sociais.”

Experiências compartilhadas – *Antropólogos em ação* agrega contribuições de alunos oriundos de praticamente todos os núcleos da Antro-



Condições de trabalho aviltantes são um dos temas que preocupam jovens

SEBASTIÃO SALGADO

pologia, incluindo sociedades tradicionais, estudos sobre corpo, saúde e religião. Também participam bolsistas ligados aos programas de pós-graduação em Sociologia e em Educação da UFRGS. “A riqueza está na experiência que sai da sala de aula. Esses estudantes vêm de diversas áreas e têm preocupações muito diferentes, mas conseguiram pensar juntos certos problemas”, diz Patrice.

Para Cláudia, o mais importante é que os próprios antropólogos estão repensando o seu papel. “Não podemos mais posar de mediadores, representantes ou porta-vozes. A gente faz parte da mesma rede.” Para exemplificar, cita o artigo da graduanda em Ciências Sociais Laura Zacher, que conta a história de sua experiência numa ONG de Porto Alegre. “Inicialmente, ela imaginou que fosse observar friamente, ser consultora ou crítica. Depois, acabou trabalhando ao lado dos integrantes da organização. A aluna concluiu que,

se não colocasse seus conhecimentos em uma situação de diálogo, eles ficariam completamente fora de lugar, estantes e estéreis”, explica a professora.

Esse deslocamento, segundo Patrice, ocorre quando o antropólogo passa de uma proposta de intervenção para uma idéia de interação com o grupo que está pesquisando, capaz de problematizar tanto as categorias que estão sendo utilizadas no campo estudado, quanto às próprias categorias antropológicas. “Trata-se de um saber colocado diante do espelho e construído coletivamente. Uma das questões fundamentais do livro é tirar a prática antropológica das margens da sociedade, pesquisando grupos oprimidos, mas também instituições como fóruns de justiça. Isso representa uma reviravolta importante no campo da Antropologia, que sempre foi visto como um saber romântico ou ligado ao exótico.”

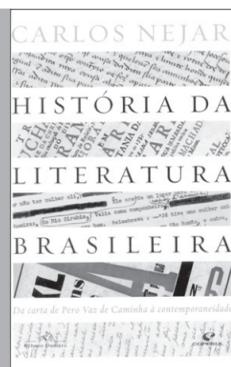
As antropólogas concordam que

vivemos uma abertura dessa área do conhecimento para novos campos de trabalho. “Além dos próprios textos refletirem sobre o papel desta ciência no mundo contemporâneo, o livro expõe o processo da Antropologia na sua criação. Acho que desta forma estamos estimulando a participação de outros alunos de graduação em publicações semelhantes”, afirma Patrice.

A professora Claudia conclui ressaltando que a obra tem uma idéia de compromisso, de engajamento do acadêmico enquanto membro da sociedade e não apenas como observador ou teórico. “Nossos alunos da graduação já estão se mostrando excelentes aprendizes do mundo acadêmico e trazem olhares mais ousados.”

Antropólogos em ação pode ser encontrado nas Livrarias Zouk, dos campi Central e do Vale ou na secretaria do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social.

JU indica



História da Literatura Brasileira

Autor: Carlos Nejar
Editora: Relume Dumará
Ano: 2007
Número de páginas: 565
Valor médio: R\$ 59

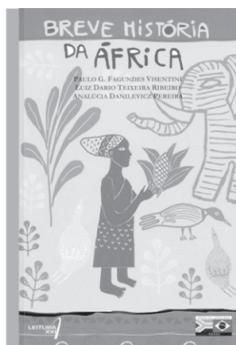
O crítico recria o seu objeto enchendo-o com sua subjetividade, afirma o autor; e é exatamente isso que o poeta Carlos Nejar faz nesta obra. Ele conduz o leitor pela trajetória da literatura no Brasil desde Pero Vaz de Caminha de uma forma muito diversa do livro escolar. O escritor gaúcho integrante da Academia Brasileira de Letras, de posse de uma vasta bibliografia e através do uso de diversas citações, reconstrói a criação literária nacional pelo seu ponto de vista. Assim o autor ensina e analisa a literatura.

Segundo Nejar, é o tema que explode a forma, não o contrário. Na sua opinião, a criação não se preocupa mais tanto com os gêneros, mas sim com a linguagem: “Para nós, não há fixação de gêneros, com sua clárida ruptura (poesia, romance, ensaio,

teatro), o que existe é a habitação da linguagem”. O espírito literário brasileiro foi o de um olhar que não se conforma com o mais fácil, mas que prossegue sempre rumo ao futuro. E se andamos esses anos todos com a visão voltada para a Europa, hoje ela também tem muito a aprender com a nossa produção.

Carlos Nejar afirma que a criação literária do país é uma das mais significativas deste tempo. “Não sendo a língua portuguesa propriedade de Portugal, do Brasil, ou da África, onde é falada. É de todos, por isso universal. E como tal merece ser mais reconhecida.”

Outro diferencial deste livro é a preocupação com a literatura contemporânea, muitas vezes superficial nas publicações da área; além do vasto conhecimento de causa do autor.



Breve História da África

Autor: Paulo Fagundes Visentini, Luiz Dário Ribeiro e Analúcia Danilievicz Pereira
Editora: Leitura XXI
Ano de lançamento: 2007
Número de páginas: 176
Valor médio: R\$ 28

Como é a situação da África hoje? Através de períodos históricos e descrições geográficas, os autores posicionam o continente mais próximo de nosso país de uma forma crítica e desmistificadora. A história africana é um tema bastante desconhecido pelos brasileiros, apesar das semelhanças humanas e naturais entre nós, da interação ao longo dos tempos e de quase um terço de nossa população ser constituída por afrodescendentes. Em função disso, o próprio governo sancionou como ação afirmativa o ensino da História da África e sua cultura na educação básica. O livro caminha no sentido de suprir essas lacunas. Os professores que assinam a obra são pesquisadores do Núcleo de Relações Internacionais da UFRGS.



Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania

Autor: Philippe Pinel
Editora: UFRGS
Ano de lançamento: 2007
Número de páginas: 272
Valor médio: R\$ 25

A Editora da Universidade publica a tradução da versão de 1800 em francês de *O Tratado de Philippe Pinel*, um marco literário para a abordagem da loucura e o início do campo da medicina mental. A responsável pela edição traduzida é Joice Armani Galli, professora de francês e doutora em Linguística Aplicada pela UFRGS. Assumir a responsabilidade da primeira tradução integral portuguesa da obra é, de fato, um risco, mas que se justifica pela importância do legado do alienista.

Pinel, além de se engajar na defesa pela reforma nos hospícios, é considerado o fundador da psiquiatria. O médico lutou pela clínica como uma orientação consciente e sistemática; além de tratar dos fenômenos psicopatológicos, o estudioso dedicou-se a explicá-los.



Canções do arrabalde

Prata da casa
CD de estréia de Dudu Sperb mistura tangos, milongas e sambas

Ânia Chala

Carlos Eduardo Sperb, mais conhecido como Dudu Sperb, é funcionário da Universidade desde 1990 e se confessa apaixonado por seu trabalho: “Sou desenhista do Planetário e faço a criação dos personagens dos programas exibidos para o público. Também cuido de toda a parte visual e da atualização de nossa página na internet. Mas o que mais gosto de fazer é trabalhar nos programas para crianças, contribuindo para o ensino da Astronomia, uma área em que as escolas não dispõem de material”.

Dudu formou-se pelo Instituto de Artes da UFRGS como Bacharel em Desenho, mas tem outro talento: o canto. “A música sempre fez parte da minha vida, mas nunca planejei uma carreira como cantor. Num dado momento, resolvi começar a cantar profissionalmente. Mas o CD foi ficando para mais tarde, até que percebi que, sem um disco gravado, não havia como prosseguir, pois o reconhecimento do público é muito demorado quando só se faz shows.”

Cantando e aprendendo – A estréia nos palcos ocorreu em 1988, quando Dudu tinha 26 anos, com o show solo de voz e violão *Da maior importância*, cantando músicas de Caetano Veloso. “Daí pra frente, me apresentei no Porto de Elis e no Blue Jazz, onde fiz uma série shows com pianistas. Aquilo começou a ficar sério e senti que precisava trilhar caminhos mais seguros. Trabalhei com músicos com uma formação consolidada, como os pianistas Adão Pinheiro e Paulo Dorfman, e depois conheci o violonista Cao Karam, que hoje está radicado em São Paulo, com quem iniciei uma parceria, fazendo muitos shows pela cidade.”

Mais tarde, ele entrou em contato com Toneco da Costa e os dois começaram a trabalhar o repertório para um show com músicas de Chico Buarque. O espetáculo, *Choro bandido* foi lançado em 2006, conquistando um bom público no Teatro de Arena e no Foyer do Theatro São Pedro. “Só não fizemos mais, porque nós mesmos bancávamos parte das despesas, o que torna difícil estender a tempo-



Arrabalero
Dudu Sperb
Arranjos: Toneco da Costa
Fumproarte, 2008
R\$ 20

rada. O valor dos ingressos não cobre todas as despesas.”

Mas *Arrabalero* na verdade não é o primeiro disco da carreira: em 2003, Dudu lançou pela Aliança Francesa de Porto Alegre o CD *Comptines à Jouer – Canções Tradicionais Francesas para Crianças*. O trabalho, acom-

panhado por um livro com as letras das canções em português e francês, tinha ilustrações, voz, instrumentos, arranjos e concepção gráfica do artista e foi idealizado pela Aliança como material de apoio ao ensino do francês para crianças.

No final de 2005, estreou o espetáculo *Arrabalero*, ao lado dos músicos Clóvis Boca Freire, Fernando do Ó, Giovani Berti, Renato Müller e Toneco da Costa. Nesse meio tempo, Dudu encaminhou um novo projeto ao Fumproarte, que acabou sendo selecionado.

Influência do Prata – A idéia do espetáculo, cujo repertório mescla samba, tango e milonga, surgiu quando Dudu descobriu a música *Castigo*, de Lupicínio Rodrigues e Alcides Gonçalves, e percebeu que ela poderia ser interpretada como um tango. “Hoje me dou conta de que quase toda a obra do compositor gaúcho poderia ser vertida para tango. Se tivesse nascido alguns graus mais para o sul, certamente ele seria um grande compositor de tangos. A divisão terri-

torial entre países não existe na cultura, a não ser pela língua. O Rio Grande do Sul está numa posição privilegiada, porque faz a ponte com a América espanhola que o resto do Brasil desconhece. A milonga, a chacarera e o vainerão são músicas da região do Prata presentes na nossa cultura.”

Arrabalero significa o que vem do arrabalde e trata dos gêneros populares que nasceram no subúrbio. “Ele começa como uma coisa popular e, depois de absorvido nos grandes centros, se transforma na música de um país. O samba e o tango nos permitem fazer uma ponte com outras culturas. Por isso, gostaria que o disco pudesse ser ouvido por um argentino ou um carioca e que eles sentissem que existe uma união entre esses gêneros.”

O CD, que teve produção de Arthur de Faria, reúne 16 canções interpretadas por Dudu e pelos músicos Clóvis Boca Freire, Fernando do Ó, Giovani Berti, Renato Müller e Toneco da Costa. O lançamento do disco ocorre dias 15 e 16 deste mês, no teatro do Museu do Trabalho (Rua dos Andradas, 230). O CD poderá ser adquirido no local.

Extensão lança editais para seleção de projetos

Novos talentos

Alunos ganham espaço para divulgar trabalhos no Unimúsica e no Uniarte

Ânia Chala

Músicos e artistas plásticos ligados à UFRGS têm mais uma vitrine para divulgar seus trabalhos: o Departamento de Difusão Cultural da Pró-reitoria de Extensão está lançando dois editais para a seleção de projetos a serem apresentados ao longo deste ano, dentro da programação do Unicultura.

Criado em 1994, como um desdobramento do projeto Unimúsica, o Unicultura chegou a ter 13 subprojetos, apresentando uma variada programação cultural que abrangia artes plásticas, arquitetura, cinema, dança, história, literatura, música e teatro. No final da década de 90, a programação foi reduzida e, nos últimos oito anos, somente o Unimúsica teve funcionamento ininterrupto. Em

2008, os já tradicionais espetáculos musicais do projeto serão intercalados com exposições individuais e coletivas de jovens artistas, exibição de filmes, debates e shows de músicos ligados à Universidade.

Uniarte – Na área das artes plásticas, a iniciativa tem a parceria da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes, através de sua coordenadora, Ana Albani de Carvalho. Ela informa que haverá sete edições do Uniarte, sendo cinco exposições coletivas na Pinacoteca e duas individuais nos espaços do Museu da UFRGS. “No dia 26 deste mês, vamos inaugurar na Pinacoteca a mostra coletiva dos trabalhos de conclusão dos formandos do segundo semestre de 2007, que se estenderá até abril.” (veja programação na Agenda da página 14).

A professora diz que o edital do Uniarte, que se encontra em fase de conclusão, selecionará dois alunos para apresentar exposições individuais no Museu da UFRGS nos meses de junho e novembro. “A partir dos projetos de graduação, escolheremos dois artistas para que realizem exposições individuais, apresentando o conjunto de seu trabalho de maneira

apropriada no espaço do Museu. Haverá uma comissão de seleção integrada por professores do Departamento de Artes Visuais e um representante do Museu. Também consideramos a possibilidade de ter um convidado externo pertencente ao circuito de arte contemporânea.”

Ana explica que, apesar das exposições realizadas na Pinacoteca terem boa divulgação na comunidade artística e junto ao público externo, a participação universitária poderia ser ampliada. “Nas coletivas mostramos partes dos trabalhos ou instalações, mas não o seu todo, já que temos em torno de 25 formandos a cada final de semestre.” Ela acredita que o mais interessante será sair dos limites do Instituto de Artes e levar os trabalhos para o espaço do Museu. “É uma forma de valorizar os formandos e também uma aposta no trabalho de jovens artistas. O Uniarte vai viabilizar uma das funções da academia, que é apresentar à sociedade o resultado da formação que oferece. A cidade não tem um museu voltado para a arte contemporânea, além disso, são artistas em início de carreira que ainda não têm um nome no circuito artístico”, conclui a professora.

Unimúsica – A coordenadora do projeto, Lígia Petrucci, explica que o edital do Unimúsica vai abrir espaço não apenas para a vivência de palco e de público, mas também para a prática de produção e divulgação. “Neste ano, o projeto retomará um papel que já teve como palco para amostragem do trabalho dos alunos da Universidade. Mas o mais importante é proporcionar uma espécie de laboratório de produção, promovendo a profissionalização desses artistas. A Difusão Cultural vai acompanhar a produção e a divulgação de cada artista ou banda, partilhando sua experiência em produção de shows.”

Ao todo, serão selecionados seis artistas ou grupos para integrar a programação do projeto em 2008, em três apresentações na Sala II do Salão de Atos da UFRGS, nos dias 1º de maio, 3 de julho e 4 de setembro.

A comissão de seleção é formada pelos integrantes do Conselho Consultivo do Unimúsica, e a lista dos músicos ou grupos selecionados será divulgada no dia 3 de abril, no show de abertura do projeto com a banda Mantiqueira, no Salão de Atos da UFRGS (também na página 14). A partir dessa data, o resultado também

será disponibilizado no site www.museu.ufrgs.br/editalunimusica2008.

Inscrições – Para o edital do Unimúsica, o período de inscrições vai até 20 de março, sendo que não há restrição quanto a gênero, instrumentação, arranjo ou composição. No caso de grupos musicais, pelo menos um dos integrantes deverá estar matriculado regularmente em um dos cursos de graduação ou pós-graduação da Universidade; se houver dois ou mais integrantes matriculados, apenas um deverá constar como proponente.

O formulário de inscrição e a relação dos documentos e materiais necessários para participar da seleção podem ser acessados no endereço www.museu.ufrgs.br/editalunimusica2008 ou retirado no Museu da UFRGS (Av. Osvaldo Aranha, 277), de segunda a sexta-feira, das 9h às 12h e das 14h às 17h.

O edital do Uniarte deverá ser lançado ao longo deste mês.

As inscrições para os dois editais são gratuitas. Informações pelo telefone 3308-3034 ou através do e-mail unimusica@ufrgs.br.

► Redação: Ânia Chala | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para jornal@ufrgs.br

DESTAQUE

Reabertura da Sala Redenção

Espaço foi reformulado e recebeu climatização durante o período de férias

O cinema universitário Sala Redenção reabre no próximo dia 24, com a exibição de *Tropa de Elite*, o premiado filme de José Padilha que conquistou o Urso de Ouro no Festival de Berlim.

Em fevereiro, o espaço administrado pelo Departamento de Difusão Cultural, ganhou sistema de refrigeração, conserto de poltronas e banheiros, recebeu nova pintura e teve a

fachada reformada para melhor receber o público.

Para a curadora da sala, a professora de Cinema da Fabico Miriam Rossini, *Tropa de Elite* é um filme nacional que se encaixa na proposta de exibir produções do cinema brasileiro que retratem as questões da violência e da transgressão.

Hoje, o cinema é um local quase que exclusivo para as atividades de pesquisa e extensão propostas por professores de diferentes cursos da Universidade. Antes, a Sala Redenção figurava nos roteiros de cinema da capital. "O que queremos é resgatar o espaço enquanto



Capitão Nascimento, vivido por Wagner Moura, dividiu a opinião pública

TROPA DE ELITE (Ação, BRA, 2007, 118 min.) O capitão Nascimento narra a luta do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar contra o crime no Rio de Janeiro em 1997. Sessões: 24, 25, 26, 28 e 31 de março Local e horário: Sala Redenção, às 19h Entrada franca

sala de cinema e seu aspecto cultural", afirma Miriam Rossini. Uma sala de cinema é o espaço característico de lançamentos e debates, que geram um intercâmbio de

abordagens.

Uma das ações almeçadas para 2008 é instituir dois horários de exibição. O primeiro às 13h, no intervalo do almoço, para exibir curtas-metragens, documentários e exemplares de videoarte, "realizações de formato mais curto para experimentação audiovisual", segundo a curadora. Já o horário das 19h ficaria reservado a longas-metragens e ciclos dos núcleos de pesquisa e extensão.

Miriam diz que a Sala Redenção já foi um espaço esporádico de pré-estéias e debates com cineastas e produtores e o objetivo é retomar

essa característica. "É no cinema universitário que o público deve encontrar um produto diferenciado", conclui a professora da Fabico.

Para comemorar a reabertura da Sala, no dia 27 de março, às 19h, será realizado o lançamento do site da Difusão Cultural, no mapa *Arte Pública nos Campi* e de um livro com haicais (*leia mais na agenda ao lado e na página 3 desta edição*). Na sessão, haverá um bate-papo com o crítico de cinema Enéas de Souza e o professor do Instituto de Psicologia da UFRGS, Edson de Sousa.

RÁDIO

Liga dos Direitos Humanos

Projeto acadêmico-social interdisciplinar produzido em parceria pelas faculdades de Educação e de Direito da UFRGS, Observatório dos Direitos Humanos, Rádio da Universidade e Escola Superior do Ministério Público da União. Direção de produção de Giancarla Brunetto. Apresentação: segundas-feiras, às 10h55min, pelos 1.080 AM da Rádio da Universidade

17 DE MARÇO

A Fundação Escola Superior do Ministério Público do RS Convidado: Luiz Fernando Kalil Freitas, procurador de justiça, presidente da FMP/RS

24 DE MARÇO

Gênero, raça e sistema prisional feminino Convidada: Adriana Severo Rodrigues, assistente social, aluna do Curso de Especialização em Direitos Humanos/ESMPU/UFRGS

DIA 31 DE MARÇO

Da roda dos expostos ao parto anônimo. Convidada: Leni Vieira Dornelles, vice-diretora da Faculdade de Educação da UFRGS e pesquisadora do Grupo de Estudos em Educação Infantil

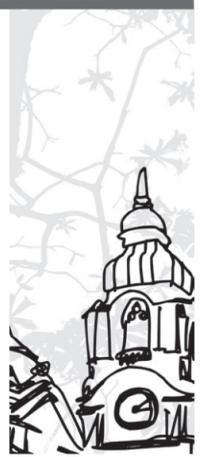
EXPOSIÇÕES

UniarTE Projetos de graduação

Mostra de trabalhos dos formandos em Artes Plásticas do segundo semestre de 2007. A exposição reúne fotografias, vídeos, desenhos, pinturas, instalações e cerâmicas, com curadoria da professora Ana Albani de Carvalho. Abertura: 26 de março, quarta-feira, às 18h30min Visitação: 27 de março a 18 de abril Local e horário: Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, de segunda à sexta-feira das 10h às 18h Entrada franca

Visões da Terra

Exposição promovida em parceria entre a UFRGS e a Companhia Petroquímica do Sul (Copesul), que faz a reconstrução ilustrada da evolução da Terra e da vida. Visitação até 30 de abril Local e horário: Museu da UFRGS, de segunda à sexta-feira das 9h às 18h Entrada franca



Grafite eletrônico

Projeto desenvolvido pelo artista plástico e designer Leandro Selister, bacharel em fotografia pelo Instituto de Artes da UFRGS e editor do site *ArteWeb Brasil* em homenagem aos 236 anos de Porto Alegre. O grafite traz imagens dos prédios históricos que compõem a praça da Alfândega, no centro da capital. Visitação: até 20 de abril Local e horário: Café do Cofre do Santander Cultural, de segunda à sexta-feira, das 10h às 19h; sábados, domingos e feriados das 11h às 19h Entrada franca

MÚSICA

Coral seleciona vozes

O Coral da UFRGS está com inscrições abertas para seleção de novos cantores. O grupo realiza ensaios às quartas-feiras das 19h30min às 22h; e aos sábados, das 14h30min às 18h30min. Período de inscrições: até 21 de março pelo site www.ufrgs.br/coral Seleção: de 22 de março a 22 de abril Informações: 3308-3390

Recital de viola e piano

O violista neozelandês Timothy Deighton e o pianista Ney Fialkow interpretam obras de Johann Sebastian Bach, Franz Schubert, Rebecca Clarke e Martin Lodge Data: 3 de abril, quinta-feira Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa, às 20h Entrada franca

LANÇAMENTO

Haikais

Livreto que apresenta uma seleção dos poemas produzidos durante uma oficina de haikais, ministrada em abril de 2003 por Alice Ruiz para o projeto "Coisas essenciais da Vida", do Departamento de Difusão Cultural. Ao todo 17 autores participam da obra, que tem distribuição dirigida. Data: 27 de março, quinta-feira Local e horário: Sala Redenção, às 19h Entrada franca

CURSOS & PALESTRAS

Aula aberta

Os meus, os teus, os nossos - O público, o privado e os direitos humanos. Convidado: Domingos Sávio Dresch da Silveira, procurador de justiça, coordenador geral do Curso de Especialização em Direitos Humanos da Escola Superior do Ministério Público da União Data: 19 de março, quarta-feira Local e horário: praça dos Açorianos, às 19h Entrada franca

Masterclass de viola e música de câmara

Aula com Timothy Deighton professor de viola, música de câmara, literatura de viola, pedagogia e repertório orquestral na Penn State University (EUA). Período: 2 e 3 de abril, quarta e quinta-feira Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa e Programa de Pós-graduação em Música, em horário a confirmar Inscrições para executantes: até 28 de março, na sala 62 do Instituto de Artes. Residentes fora da Grande Porto Alegre poderão solicitar sua inscrição pelo e-mail extmusica@ufrgs.br, anexando um breve currículo. Para alunos ouvintes a entrada é franca

Introdução à interpretação teatral: corpo, voz, ação

Curso de extensão promovido pelo Departamento de Arte Dramática. São dois módulos: o básico, para iniciantes que oferece exercícios de consciência corporal, expressão e criação vocal; e o módulo de montagem cênica, voltado aos que já possuem experiência teatral. Período: março a julho Local e horário: departamento de Arte Dramática, duas vezes por semana, a partir das 19h Inscrições: até 28 de março Informações: 3308-4318 ou pelo e-mail cvaalit@ufrgs.br



CINEMA

O prisioneiro da grade de ferro

(Brasil, 2003, 123min.), de Paulo Sacramento Exibição do documentário para o projeto CineDebate da Liga dos Direitos Humanos. O filme retrata a realidade do sistema carcerário brasileiro e foi produzido um ano antes da desativação da Casa de Detenção do Carandiru, em São Paulo. Os próprios detentos aprenderam a utilizar câmeras de vídeo, documentando o cotidiano do maior presidio da América Latina. A sessão será seguida de debate com convidados. Data: 26 de março, quarta-feira Local e horário: Sala 101 da Faculdade de Educação, às 19h Ingresso: 1 quilo de alimento não perecível

PROGRAMAÇÃO

3 de abril - Unimúsica Banda Mantiqueira

1º de maio - Unimúsica Mostra de alunos

5 de junho - Unimúsica Jussara Silveira, André Mehari e Arthur Nestrovski

6 de junho - Unidéia Pra que crítica?, com Arthur Nestrovski

3 de julho - Unimúsica Mostra de alunos

7 de agosto - Unimúsica Benjamim Taubkin e Núcleo de Música do Abaçai

8 de agosto - Unidéia Circulando a música - propostas para um circuito universitário

4 de setembro - Unimúsica Mostra de alunos

2 de outubro - Unimúsica Carlos Malta e Gisela Saldanha

6 de novembro - Unimúsica Show infantil com Marcelo Delacroix

4 de dezembro - Unimúsica Guinga e Toneco da Costa

5 de dezembro - Unifilme Exibição de "Brasileirinho" e mostra de documentários sobre MPB

Unimúsica

busca inspiração em sua história

Programação também abre espaço para novos artistas

Neste ano, o Unimúsica tem como proposta a sua própria história: de um lado, convidar artistas que participaram do projeto em algum momento de suas edições anteriores para que apresentem seus trabalhos atuais no Salão de Atos; de outro, retomar a amostra-gem de produções de alunos - prática inicial do Unimúsica, na década de 80 -, na Sala II do Salão de Atos. Os shows serão realizados sempre na primeira quinta-feira de cada mês, às 19 horas, alternando as duas programações.

As produções musicais de alunos da UFRGS serão selecionadas através do edital lançado neste mês pela Pró-reitoria de Extensão (*veja matéria na página anterior*). Além dos shows, a programação prevê a realização de atividades em parceria com os projetos Unidéia e Unifilme.

ONDE?

AUDITORIUM TASSO CORRÊA
Rua Senhor dos Passos, 248
Fone: 3308-4318

DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA
Rua Gen. Vitorino, 255
Fone: 3308-3559

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Av. Paulo Gama, s/n.
Fone: 3308-3120

MUSEU DA UFRGS
Av. Osvaldo Aranha, 277
Fone: 3308-3436 / 3308-4022

PINACOTECA BARÃO DE SANTO ÂNGELO
Rua Senhor dos Passos, 248 - 1º andar
Fone: 3308-4302

PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA
Rua Professor Annes Dias, 112 - 15º andar
Fone: 3308-3642

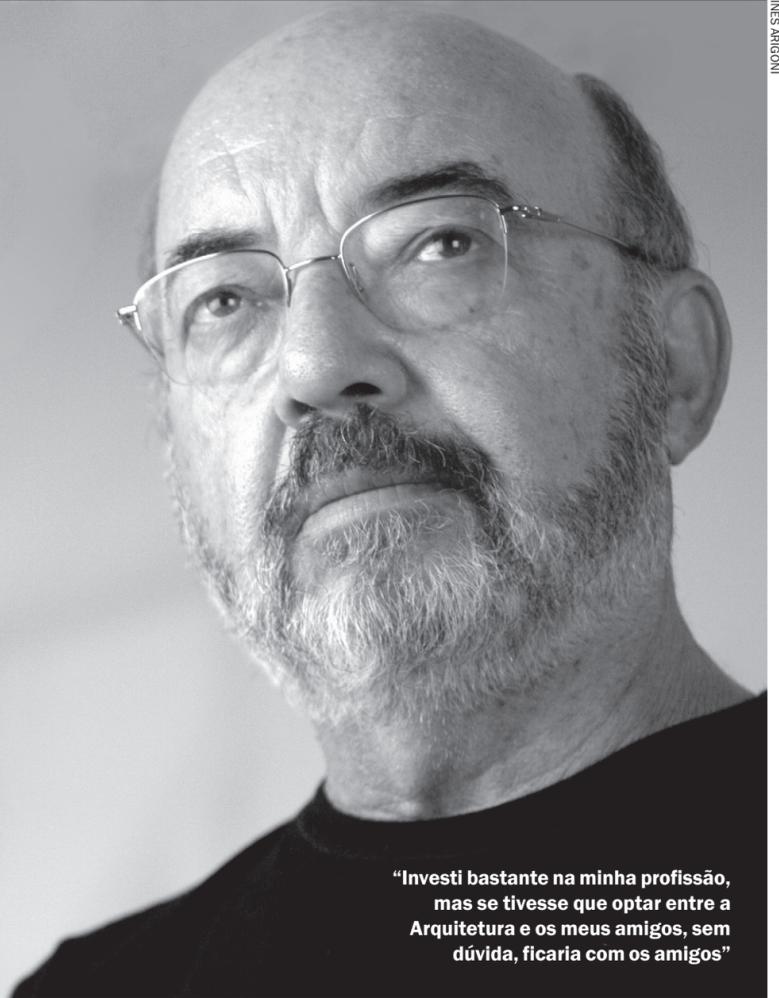
SALA REDENÇÃO
Rua Luiz Englert s/nº
Fone: 3308-3390 / 3308-3933

SALÃO DE ATOS
Av. Paulo Gama, 110 - térreo
Fone: 3308-3066

SANTANDER CULTURAL
Rua Sete de Setembro, 1.028
Fone: 3227-8322

Rogério Malinsky

Otimista patológico



“Investi bastante na minha profissão, mas se tivesse que optar entre a Arquitetura e os meus amigos, sem dúvida, ficaria com os amigos”

Urbanismo

O arquiteto que criou o parque Marinha do Brasil reafirma seu gosto pela vida e se declara pronto para novos projetos

Ânia Chala

O gosto que o professor da Faculdade de Arquitetura da UFRGS Rogério Malinsky tem pela vida não o deixa envelhecer. Em outubro, quando completar 70 anos, será aposentado compulsoriamente do Departamento de Urbanismo, onde trabalhou por 20 anos, mas já faz planos para uma nova etapa. Ele se autodefine como um otimista patológico. Para ilustrar, relembra de um episódio da infância: “Quando eu tinha cerca de um ano de idade, certa noite meu berço desabou sobre mim. Meus pais correram assustados, mas me encontraram sorrindo. Naquele instante, meu pai disse que eu seria feliz a vida inteira.”

Entre as características do arquiteto está sua facilidade em fazer amigos e a capacidade de aprender outros idiomas quase que intuitivamente. Fala francês, inglês, espanhol, italiano e um pouco de russo. “Mas essas línguas todas falo de ouvido, porque não sei coisa alguma de gramática”, explica.

Tempos de estudante – Rogério ingressou na Arquitetura da UFRGS em 1957 e levou 11 anos para se formar. Anos de terapia o fazem avaliar que tinha medo de tornar-se adulto. “Sempre fui crítico em relação aos trabalhos que fazia e, se não gostasse do resultado, não entregava. Minha sorte é que, assim que ingressei na faculdade, fui trabalhar no escritório de engenharia de um tio. Ganhava meu próprio dinheiro, não dependia de mesada do meu pai.” Na época, Rogério também tocava bateria em um conjunto de bossa nova no Clube de Cultura. O interesse por cenografia levou-o a cursar Arte Dramática no Instituto de Artes, onde foi aluno de Ruggero Jacobi, Angelo Ricci e Gerd Bornheim. “Confesso que não entendia muito bem tudo o que o Gerd dizia, mas não perdia uma aula dele. Cheguei a produzir a cenografia e os cartazes de divulgação das peças *As cadeiras*, de Ionesco, e o *Auto da Lusitânia*, de Gil Vicente.”

Fez muita política estudantil e se

envolveu com a organização e divulgação de palestras, exposições e exibição de filmes. Certa vez, viajou ao Rio de Janeiro para convidar Lúcio Costa para uma palestra. “Ele não pode atender ao convite, mas conversou comigo por uma hora e, ao nos despedirmos, disse que o importante é não deixar apagar a chama sagrada. Saí de lá pensando o que era essa tal chama. Hoje acho que ele quis dizer que o importante é não perder o prazer de viver.”

Sucesso planejado – A demora na conclusão do curso levou-o a traçar um plano de vida, que conseguiu realizar em 10 anos. “Para conciliar meus interesses sociais e políticos, acabei me dedicando ao urbanismo. Junto com Ivan Mizoguchi participei de vários concursos nacionais e internacionais, conquistando o quarto lugar num concurso internacional para o pavilhão brasileiro na feira de Osaka, no Japão”, relembra. Mais tarde trabalhou na Prefeitura de Porto Alegre, onde foi responsável pela execução dos parques e jardins.

Teve convites para lecionar, mas não conseguiu obter a folha corrida junto ao DOPS (durante a ditadura, esse documento vetava ou liberava o acesso a cargos públicos). Deixou de lado a idéia de ser professor e inscreveu-se para uma bolsa na Universidade de Edimburgo, na Escócia. “Pas-

sei dois anos fazendo um curso de especialização centrado em estratégias de planejamento urbano e regional, que reunia alunos de várias partes do mundo. Maria da Graça, minha primeira esposa, licenciou-se da prefeitura de Porto Alegre, onde trabalhava, e juntou-se a mim, aproveitando para pesquisar sobre paisagismo rodoviário.” Nas primeiras longas férias de verão, compraram um carro usado e descobriram o Continente fazendo camping durante três meses.

Durante o curso em Edimburgo, começou a procurar novas oportunidades de bolsa e, graças ao amigo Ricardo Boffino, conseguiu estágio na Sociedade Central para o Equipamento do Território, uma estatal francesa sediada em Paris. “A empresa tinha uma série de normas e padrões para a ocupação do solo para lazer e turismo, justamente o que eu queria aprender. Tive acesso irrestrito à biblioteca e, graças a meu orientador, visitei desde o Club Méditerranée até colônias de férias para turismo social.” Para completar, em seus últimos meses na capital francesa, Rogério tornou-se correspondente da Quatro Rodas Empreendimentos Turísticos.

Quando voltou à Porto Alegre, as experiências adquiridas no exterior lhe valeram uma proposta de emprego numa das maiores empresas de planejamento urbano do estado.

Carreira Aproveitando o vento a favor

Os inúmeros contatos e a experiência adquirida no exterior serviram como cartão de visitas para que Rogério tivesse novas oportunidades, tão logo retornou ao Brasil. “Fui contratado pela Planisul, empresa que era a maior de sua área, e meu primeiro trabalho foi o distrito industrial de Joinville, em Santa Catarina.”

Nesse meio tempo, ele e o arquiteto Ivan Mizoguchi venceram o concurso para a criação do Parque Marinha do Brasil, até hoje sua menina dos olhos. “Depois, fiz o projeto do Porto Seco para a prefeitura da Capital. Quando o Pólo Petroquímico instalou-se em Triunfo, participei durante seis anos da equipe multidisciplinar de consultoria, contratada para tratar das questões urbanas relativas à instalação da área industrial.”

Em 1980, quando houve um processo seletivo para contratação de professor na Faculdade de Arquitetura da UFRGS, inscreveu-se e foi selecionado para a área de urbanismo. “Lectonei a disciplina de Paisagismo por 18 anos, procurei torná-la menos teórica e mais prática.” Ele acredita que os arquitetos deveriam avaliar permanentemente os impactos das suas intervenções. Procura despertar o interesse em seus alunos para projetos auto-sustentáveis, sempre com bom senso e sem radicalismo. “A palavra-chave de minha monografia em Edimburgo era a necessidade da flexibilidade em estruturas urbanas, requisito que aplico até hoje e que pude testá-lo na prática em muitos projetos dos quais participei.”

Quanto às mudanças trazidas pela computação gráfica, observa: “sempre tive facilidade para o desenho, e para mim o computador é um instrumento meio como qualquer outro. Parece-me que hoje temos muitos recursos gráficos e tecnológicos que não se traduzem necessariamente em bons projetos. A necessidade de aprimorar a formação do arquiteto deve ser constante, não só nos seus aspectos técnicos, mas, também, nas áreas artística e social.”

Família

Guri criado no Bom Fim, sem frescura

O pai de Rogério, Valério Malinsky, recém-formado em Medicina foi trabalhar num hospital na localidade de São João da Reserva, interior de São Lourenço do Sul. Dele, o arquiteto considera que herdou a vertente de ser honesto e competente sem ser mercantil. A mãe, Amália, cuja família veio da Colônia Philipson de Santa Maria, formou-se em piano no antigo Belas Artes, mas as condições da vida no interior a fizeram secundarizar seu projeto musical, inclusive a levando algumas vezes a colaborar com seu marido em situações de emergências. O irmão mais velho, Sérgio, nasceu em Pelotas, no retorno do casal a Porto

Alegre. Rogério nasceu em 1938, em Erechim, onde o pai clinicou por oito anos. “Fomos criados sem frescura. Eu só tinha dois sapatos e duas calças e minhas camisas eram recicladas do meu irmão.”

A família transferiu-se para a capital gaúcha em 1944, quando Valério Malinsky ingressou no recém-criado Hospital de Pronto Socorro, como traumatologista. Os pais de Rogério faleceram há vinte anos e o seu irmão mais recentemente.

Os avós do arquiteto, tanto do lado paterno como materno, eram pessoas humildes, sem profissão definida. O avô paterno, de origem judaica, imigrou da Rússia para o Brasil aos

19 anos e era membro do partido comunista. Já do lado da mãe, o interesse pela arte e pelo estudo de línguas estrangeiras era presente.

Por 39 anos, foi casado com a arquiteta Maria da Graça, falecida em 2004, eles se conheceram na faculdade. O casal não teve filhos, mas “adotou” informalmente a sobrinha Tania, filha do narrador esportivo e automobilista Pedro Carneiro Pereira e de Maria Regina, irmã de sua primeira esposa. “Aproveitamos a vida ao máximo. Ela era bem diferente de mim, quieta e introspectiva, uma pessoa com uma formação sólida que gostava muito de ler. Ela, que nos primeiros anos do casamento não gos-

tava de cozinhar, acabou desenvolvendo um grande talento culinário, que se tornou uma forma carinhosa de reunir os amigos.”

Malinsky, mais tarde, descobriu o prazer de cozinhar: “Sempre havia sido, apenas, o provedor da casa. Há um ano, quando fui para a cozinha, percebi, assim como Maria da Graça, que a boa mesa é a melhor maneira de reunir as pessoas. Assim estou tentando manter a tradição da casa. A gastronomia é mais divertida que o urbanismo e...quem sabe eu não viro cozinheiro no futuro?”

Sua atual esposa, a jornalista e fotógrafa Inês Arigoni, é amiga de muitos anos.



Depois do primeiro vestibular com reserva de vagas na UFRGS, é hora dos aprovados no concurso ingressarem na instituição mais concorrida do estado. Março: é hora de conhecer a Universidade, os colegas de curso, a estrutura das faculdades, os professores e funcionários, além de decifrar as dezenas de siglas e códigos não escritos da vida universitária. Ninguém escapa de perguntar: "Onde fica o Decordi?" Também faz parte do ingresso acadêmico conseguir o cartão de identificação, para poder usufruir dos restaurantes universitários e das bibliotecas e ter acesso aos prédios, e providenciar a carteira de estudante, que garante desconto nas passagens de ônibus e em algumas atividades culturais da cidade.

Mas o que fica mais evidente a cada início de semestre, especialmente neste mês, é o jeito animado de quem começa a frequentar os *campi* pela primeira vez – tudo está por ser descoberto. Nestas semanas iniciais, se formam amizades que podem durar a vida toda. É quando muitos irão encontrar aquele professor ou professora que será seu guru durante todo o curso. Passados os primeiros dias, cada um vai achar seus lugares preferidos, seu 'canto' na hora de estudar, fazer trabalhos em grupo, namorar ou, simplesmente, ficar à toa.

Por isso, o trote aos bixos, quase sempre marcado pela pintura de rosto e cabelos e por brincadeiras em grupo, é ao mesmo tempo rito de passagem e momento de entrosamento entre calouros e veteranos. A satisfação por receber novos colegas, ansiosos pelo que vão encontrar pela frente, transforma o ambiente formal da comunidade acadêmica, atarefada com prazos, projetos e editais, e lembra que o motivo de tudo se refaz na entrada na graduação.



Com o pé na universidade

